UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

Monografia

A ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUA IMPORTÂNCIA NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA COLÉGIO ESTADUAL PRESIDENTE DUTRA, SEROPÉDICA - RJ

CAROLINE DE DEUS SILVA

Seropédica
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

A ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUA IMPORTÂNCIA NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL PRESIDENTE DUTRA, SEROPÉDICA - RJ

Trabalho monográfico submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Economia Doméstica pela UFRRJ.

Graduanda
Caroline de Deus Silva

Orientadora
Monica Aparecida Del Rio Benevenuto

Seropédica
2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus magníficos pais, que sempre me apoiaram e incentivaram nesta caminhada, e ao meu amor, que sempre cuidou de mim com todo carinho e paciência.

AGRADECIMENTOS

À Drª. Monica Benevenuto, que me guiou durante todo o processo da busca por conhecimento.

À Drª. Valéria R. Tolentino, pelo positivismo e pelas palavras de incentivo.

À Mestre Maria Rosa Figueiredo, que me ajudou a ter esperança em momentos difíceis.

Aos amigos, pelos conselhos e a alegria do dia a dia.

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta a relevância da abordagem do tema Orientação Sexual junto aos alunos do curso de Formação de Professores e o corpo docente do Colégio Estadual Presidente Dutra no município de Seropédica-RJ. O propósito foi investigar se o tema estava sendo abordado com os alunos a fim de prepará-los como futuros professores; como o corpo docente concebe a sexualidade e se trabalha a Orientação Sexual com esses alunos. A pesquisa focou a Orientação Sexual, tema transversal proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN, devido a carência dessa abordagem e do tema a ser considerado pelo Estado como um problema com dimensão epidêmica, rodeado de mitos, crenças e polêmico, apesar das mudanças sociais a respeito da sexualidade. Os dados mostram que alunos e professores tem dúvidas semelhantes e que a Orientação Sexual é um tema importante para o desenvolvimento dos jovens, para que os mesmos possam guiar suas decisões de forma segura. As posturas a respeito da sexualidade ligada substancialmente a reprodução, precisam ser ampliadas para a visão social e psicológica nas Orientações. Por fim, entre professores e alunos, há uma abertura para a ampliação e aprendizagem do tema, porém o pouco investimento de Secretarias de Educação e Governo dificulta este processo.

Palavras-chave: Orientação Sexual, Parâmetros Curriculares Nacionais, Curso de Formação de Professores.

ABSTRACT

This monograph presents the relevance of the approach to the topic Sexual Orientation with students of Teacher Training course and faculty of the College Estadual Presidente Dutra in Seropédica-RJ. The purpose was to investigate whether the topic was being discussed with the students to prepare them as future teachers; how faculty conceive of sexuality and sexual orientation to working with these students. The research focused on sexual orientation, cross-cutting theme proposed by the National Curriculum-PCN due to lack of this approach and the topic being considered by the state as an epidemic problem with size, surrounded by myths, beliefs and controversial, despite the social changes about sexuality. The data show that students and teachers have similar concerns and that sexual orientation is an important issue for the development of young people so that they can guide their decisions safely. The attitudes about sexuality related substantially the same, need to be expanded for viewing in the social and psychological guidance. Finally, between teachers and students, there is an openness to learning and the expansion of the theme, but the small investment of Government Departments of Education and complicates this process.

Keywords: Sexual Orientation, National Curriculum, Teacher Training Course.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem do Colégio Estadual Presidente Dutra, p. 25

Figura 2 – Gráfico sobre a identificação sexual dos alunos uma questão levantada com as turmas do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 28

Figura 3 – Gráfico sobre a abordagem da Sexualidade como profissional uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 29

Figura 4 – Gráfico sobre a liberdade entre professor e aluno, gerando abertura para conversas sobre sexualidade. Uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 38

Figura 5 – Gráfico sobre a Orientação Sexual uma atuação a ser aplicada separadamente ou não, uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 49

Figura 6 – Gráfico sobre há preparação com os alunos para atuarem com a Orientação Sexual na vida profissional, uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 51

Figura 7 – Gráfico sobre a atuação no mercado de trabalho, uma questão levantada com os alunos do 4º ano do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 53

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 32

TABELA 2 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 32

TABELA 3 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 32

TABELA 4 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 33

TABELA 5 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 35

TABELA 6 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos de 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 36

TABELA 7 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 36

TABELA 8 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos de 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 36

TABELA 9 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 40

TABELA 10 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 40

TABELA 11 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 41

TABELA 12 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 41

TABELA 13 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 44

TABELA 14 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 44

TABELA 15 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, 44

TABELA 16 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 45

TABELA 17 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 46

TABELA 18 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 46

TABELA 19 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 47

TABELA 20 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica, p. 47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPITULO I - CONHECENDO O TEMA 13

1.1 Caracterizando a Sexualidade 14

1.2 Política educacional e a Orientação Sexual 15

1.3 Orientação Sexual: configurando a dinâmica de gênero 17

1.4 O papel da Escola na Orientação Sexual 19

1.5 Quanto à formação de professores 21

CAPITULO II – ANALISANDO OS DADOS 24

2.1 O Cenário da pesquisa 25

2.1.1 Metodologia 25

2.2 Os dados da pesquisa 26

2.2.1 Idade 26

2.2.2 Sexo 27

2.2.3 A importância de falar sobre sexualidade 29

2.2.4 Matérias e a abordagem da sexualidade 31

2.2.5 A sexualidade e as formas de abordagem 35

2.2.6 A liberdade entre professor e aluno 37

2.2.7 Mudança no perfil das Orientações Sexuais 40

2.2.8 Os temas das Orientações Sexuais 43

2.2.9 Reação esperada dos futuros alunos 46

2.2.10 A Orientação Sexual entre meninos e meninas 48

2.2.11 Preparação para tratar do tema sexualidade 50

2.2.12 Atuação na profissão 52

2.2.13 A visão dos Professores sobre a sexualidade 53

CONSIDERAÇÕES FINAIS 57

REFERÊNCIAS 60

ANEXO I 64

ANEXO II 66

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a inclusão da sexualidade no currículo das escolas nos antigos primeiro e segundo graus iniciou-se na década de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo. A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim, não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino para introduzir este tema nas escolas.

Atualmente, o estudo da sexualidade já pode ser conhecido com seriedade, e a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade do adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social. Mais do que um problema moral, ela é vista como um problema de saúde pública, e a escola desponta como um local privilegiado de implantação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes, como lembra Valladares (2005).

A Orientação Sexual nas escolas caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a significação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes, prejudicam o seu desenvolvimento. Altmann (2003) ressalta que este tema é trabalhado de forma transversal, ou seja, segundo o MEC com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB 0.394/96) a orientação tem que passar por todas as disciplinas do currículo, assim que educadores e alunos sentirem necessidade.

Este trabalho surgiu devido a pesquisas anteriores, via leituras, sobre a precocidade sexual existente na sociedade e a carência da abordagem sobre as questões que envolvam a sexualidade na vida dos adolescentes dentro das escolas, passando pelo papel do educador e da escola a respeito da importância do esclarecimento dessas questões. A partir daí surgiu o interesse em pesquisar se nas escolas públicas o tema sexualidade estava sendo introduzido nas salas de aula e demais espaços, sendo feita uma investigação com os professores e alunos do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Presidente Dutra da cidade de Seropédica – RJ, no ano de 2009. Com esta primeira pesquisa, notou-se que havia uma carência junto aos alunos e, principalmente, junto aos professores de conhecimento

sobre os assuntos relacionados à sexualidade, mostrando, por vezes, despreparados para atuarem com o tema. Com esta pesquisa, pode-se perceber que a real dificuldade não está na falta da Orientação Sexual durante o ano letivo, mas na falta de preparo do professor para atuar com o tema. Então, partindo desta verificação, essa nova pesquisa junto aos futuros profissionais da área de educação vem investigar se os alunos do Curso de Formação de Professores estão sendo preparados para tratarem do tema Sexualidade com seus futuros alunos nas escolas onde irão trabalhar. Com os Parâmetros Nacionais Curriculares - PCN, o licenciado que irá atuar com o ensino fundamental, tem que trabalhar os Temas Transversais durante o ano letivo.

O Colégio selecionado para a pesquisa foi o mesma da pesquisa anterior, com o objetivo de investigar se o tema estava sendo abordado com os alunos do Curso de Formação de Professores a fim de prepará-los ao mercado de trabalho, também qual a concepção de Orientação Sexual desses futuros professores e como utilizarão este conhecimento. Também buscou averiguar como corpo docente concebe a sexualidade e se estão trabalhando com Orientação Sexual com esses futuros professores.

Este trabalho mostra nos capítulos se o tema vem sendo trabalhado nas salas de aula, como são abordados, se os alunos se sentem preparados para lidar com o tema na sua profissão e de que forma. Nesse contexto, revela se a Orientação Sexual como Tema Transversal está alcançando de forma satisfatória esses futuros profissionais, se os seus professores atuais promovem ações educativas sobre o tema com os seus alunos e se há algum planejamento junto à organização escolar, para uma diretriz metodológica das aulas.

CAPÍTULO I

Conhecendo o tema.

1.1 Caracterizando a Sexualidade.

O termo “sexualidade” remete a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é traço mais íntimo do ser humano, manifesta-se distintamente em cada pessoa de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo, como afirma Favero (2007). Manifesta-se através de atitudes, comportamentos, gestos, ultrapassando, portanto, a dimensão biológica, pois envolve emoção, afeto e imaginário (FRISON, 2008).

Ainda seguindo as idéias de Favero (2007), a noção de sexualidade como busca de prazer, descoberta das sensações geradas pelo contato ou toque, atração por outras pessoas de sexo oposto ou mesmo sexo, com a finalidade de conseguir prazer pela satisfação dos desejos do corpo, entre outras características, é diretamente ligada a fatores genéticos e culturais.

Segundo Saito e Leal (2000), teoricamente, a sexualidade assim como a conhecemos, inicia-se juntamente com a puberdade ou adolescência, o que deve ocorrer por volta dos 12 anos de idade, segundo o Art. 2º – Estatuto da Criança e do Adolescente. Entretanto, na prática, sabe-se que não se configura exatamente desta forma, já que o organismo humano se manifesta de forma diferente em cada individuo antecipando ou agindo tardiamente no seu desenvolvimento.

Porém, para Pereira (2008) citado por Frison (2008), a sexualidade desenvolve-se a partir dos primeiros anos de vida e na escola esse desenvolvimento pode também ocorrer através de relações interpessoais, realizados por jogo organizado pelo professor, na escuta de histórias infantis escolhidas e contadas para as crianças, nas atividades realizadas entre elas, por seu envolvimento em jogos e brincadeiras realizadas nos diferentes cantinhos ou salas ambientes. Nos grupos e nas brincadeiras entre colegas, surgem questões ligadas à sexualidade. Para Favero (2007), algumas vertentes da psicologia, como a psicanálise Freudiana considera a existência de sexualidade na criança já quando nasce, propondo a passagem por fases, que contribuem para a constituição da sexualidade adulta.

Muitas vezes, o conceito de sexualidade é confundido com o conceito de sexo propriamente dito. É importante lembrar que a sexualidade não se reduz aos genitais e nem ao ato sexual em si, como já referenciado por Favero e Frison, mas é um conceito amplo que abarca desde a genitália e o ato sexual até, dentre outros, os papéis de gênero, o erotismo, a sensualidade e muitas outras funções do corpo

humano, influenciando as relações entre as pessoas, o amor e a maneira como se constrói e se entende o mundo. Então, no momento que a sexualidade manifesta-se de forma física e seja compartilhada com outro indivíduo através do sexo, sendo esta apenas uma das suas formas de se chegar à satisfação desejada. Dessa forma, sexualidade é uma característica geral experimentada por cada ser humano e não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os explicitamente sexuais. Pode-se entender como formação de sexualidade, a necessidade de admiração pelo próprio corpo (PINTO, 2000).

Existem diferentes abordagens do tema que variam de acordo com concepções e crenças de cada um. Em alguns lugares, pode-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto. Em outros, o mesmo é discutido de forma livre e com grande aceitação de diferentes olhares ao redor do termo, segundo afirma Bortolini (2008).

Neste contexto, há uma produção massiva de discussões sobre o sexo, já que se tornou alvo de várias instituições que debatem e colocam novos rumos ao termo usado constantemente na construção do ser humano na relação entre homens e mulheres, antes focados nos laços de matrimônio, e hoje nas relações de poder que projetam sobre o corpo (BORTOLINI, 2008).

Nesta perspectiva ressaltada pelo autor, a escola entendida como instituição formadora de seres humanos, é vista como um lugar onde a sexualidade deve ser discutida e expressada. E o espaço das salas de aulas, pátios, ou qualquer outro da escola, pode ser utilizado para serem esclarecidas as dúvidas de meninos e meninas sempre que sintam desejos e sensações, que evitem conflitos internos provenientes de dúvidas e medos, gerando uma experiência positiva e saudável.

1.2 Política educacional e a Orientação Sexual.

De acordo com Brasil (1997), com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB 0.394/96), os PCN tem por objetivo estabelecer uma referência curricular nacional. No Brasil, essa é a primeira vez que o tema orientação sexual é oficialmente inserido no currículo escolar nacional. De acordo com esse documento, os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social, ética,

saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Eles devem ser trabalhados, ao longo de todos os ciclos de escolarização, de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

Para Brasil (1998), os PCN foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos jovens terem acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

Para Altmann (2003), a atual inclusão da orientação sexual na escola é justificada pelo crescimento do número de casos de "gravidez indesejada" entre adolescentes e pela disseminação de casos de contaminação pelo HIV. Ainda que projetos individuais já fossem desenvolvidos por alguns professores na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1994, o tema torna-se uma questão escolar mais ampla para a Secretaria Municipal de Educação, devido ao aparecimento de casos de HIV na região de Copacabana, levando à criação do Projeto AIDS e a Escola, hoje extinto. Atualmente, existem outros projetos, e o principal deles é o Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM). Também são realizados, anualmente, cursos de capacitação docente, cuja procura é sempre maior do que a oferta de vagas.

Dessa forma, a ampla inserção desse tema na escola parece estar ligada, por um lado, a uma dimensão epidêmica e, por outro, a mudanças nas expectativas de comportamento sexual. A sexualidade adolescente desponta como um importante foco de investimento político e instrumento de tecnologia de governo, sendo a escola um espaço privilegiado de intervenção sobre a conduta sexual dos estudantes (VALLADARES, 2005).

Esta conduta dos indivíduos e da população tornou-se objeto de análise e de diferentes intervenções políticas governamentais, na medida em que diz respeito à saúde individual e coletiva, ao controle da natalidade, ao crescimento demográfico, à

vitalidade das descendências e da espécie, tendo, portanto, se configurado como um problema de saúde pública, segundo Altmann (2003). Porém, é necessário que os órgãos governamentais invistam mais em educação para que a conduta de cada indivíduo seja construída com responsabilidade. Que os recursos sejam mais bem investidos, em seguida a necessidade de melhor qualificação dos professores e melhores condições de trabalho, principalmente melhor salário e maior e melhor estrutura para o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas, além de uma melhor condição de vida para a população em geral, cuja maioria dos seus filhos está na escola pública.

Tais discussões tornam-se relevantes tendo em vista que a proposta de implantação da universalização da educação básica, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, enfrenta um cenário de exclusão social, previsto formalmente para ser superado pela via educacional. De outra sorte, os problemas da má qualidade do ensino e baixo desempenho das escolas públicas têm levado a educação a reforçar as desigualdades sociais, mais do que a contribuir para compensá-las ou superá-las (SILVA, 2008).

1.3 Orientação Sexual: configurando a dinâmica de gênero.

A diferença entre sexo e gênero muitas vezes é confundida em suas explicações. Então, é pertinente realizar aqui uma breve distinção. Assim, sexo é tudo aquilo que está relacionado às características físicas de um ser humano, ou seja, o órgão sexual, o genoma, o formato do corpo, dos seios, enfim, tudo aquilo ligado à materialidade. Enquanto que, gênero está ligado às características comportamentais, culturais, sociais e históricas construídas socialmente (BORTOLINI, 2008).

Dando continuidade a idéia do autor, quando um bebê nasce, seja do sexo masculino ou feminino, a sociedade o constrói no seu jeito de ser, de falar, de andar, de vestir, de agir, a cor que irá usar no seu enxoval, tudo é pré-definido até seu nome. Mas há uma grande distância para que esta divisão faça sentido, afinal, o perfil de masculinidade ou feminilidade tem que ser claramente estabelecido para que tal divisão não pareça artificial. Esta divisão entre masculino e feminino vai sendo relativizada e pode criar identidades de gênero que não se encaixam em nenhum extremo, por exemplo, uma pessoa que nasceu com o sexo masculino e fez

uma operação de mudança de sexo, qual seria o sexo dessa pessoa? Com o qual ela nasceu? Ou o sexo que ela está agora? Ele tem características físicas femininas, mas não tem órgãos reprodutivos. Então, o que define o ser humano, seu genótipo[1] ou seu fenótipo[2]? Esta definição é muito complicada, no fim de tudo o que se percebe é que o sexo também não é um conceito tão definitivo e pode ser tão relativo quanto o conceito de gênero.

Mas, tradicionalmente gênero é uma expressão que designa indivíduos de sexos diferentes segundo Stropassolas (2004). Embora a noção de gênero apareça, a princípio, como um contraponto ao conceito de sexo, este seria a diferença biológica entre macho e fêmea, ao passo que gênero diz respeito às suas construções sociais, culturais e psicológicas. Porém, a biologia como toda a ciência, foi criada pelos seres humanos, portanto, ela em algum momento da história pode sofrer modificações e ser relativizada conforme as novas características da época como afirma Bortolini (2008). Então, a percepção de sexo e de gênero pode mudar conforme o momento histórico, cultural e de visão pessoal que cada indivíduo tem de cada um.

A orientação sexual não vem dar conta de todas as perguntas e dúvidas dos seres humanos, mas ela auxilia na compreensão de seus desejos sexuais, atrações e afetividades. O termo orientação sexual é usado como o sentido de educação e usualmente trabalhado com base no gênero, na construção social, não só no sexo, genitália (PINTO, 2000).

Conforme Money (1998) citado por Cardoso (2008), três critérios em princípio distintos – sexo, gênero e orientação sexual – estruturam-se e articulam-se para formar um conceito sobre um único ser. Com relação ao critério “orientação sexual” na identidade de gênero/papel, um indivíduo pode ser bissexual ou monossexual. No caso monossexual, o sentido do erótico pode ser homossexual ou heterossexual, ao passo que bissexual dimensiona-se para ambos.

Para Bortolini (2008), a orientação sexual é vista de forma mais ampla e divide-se em três categorias: homossexual, que se caracteriza por pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo; heterossexual, quem sente atração por pessoas de gênero oposto; e bissexual quem sente atração por pessoas de ambos os

[1] Suas características genéticas (cromossomas XY).
[2] Suas características físicas (seios, quadril, rosto, vagina, pênis, pêlos, etc.).

gêneros. Para o autor essas categorias dão conta da diversidade sexual existentes na atualidade.

Outro conceito também destacado pelo autor é a identidade sexual, que tem a ver como o ser humano se coloca diante da sociedade, e com quais grupos, representações e imagens ele se identifica e se reconhece, sendo as mais conhecidas são: gay, transexual, lésbica e travesti. Valladares (2005, p.23), complementa que a orientação sexual caracteriza-se, por: “sexo de criação - o tratamento que o indivíduo recebe em função do sexo biológico; identidade sexual - é como o indivíduo se percebe sexualmente e papel sexual - o que se espera do indivíduo”.

Todas essas categorias e identidades vêm dar suporte para a construção do ser humano atual com base para as respostas às dúvidas de adolescentes que estão em fase de desenvolvimento. Porém, o orientador sexual nunca deve colocar sua opinião como verdade absoluta e inquestionável, e sim deixar o grupo debater, expressar seus sentimentos e conclusões (VALLADARES, 2005).

1.4 O papel da Escola na Orientação Sexual.

Segundo Brasil (1997), o centro da atividade escolar não é o professor nem os conteúdos disciplinares, mas sim o aluno como ser ativo e curioso. O mais importante não é o ensino, mas o processo de aprendizagem. Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que a atitude de aprendizagem parte do interesse dos alunos, que, por sua vez, aprendem fundamentalmente pela experiência, pelo que descobrem por si mesmos.

Continuando, o professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

Entretanto, se a meta é educar, informar, ou formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência por ser esta a sua função principal. Alguns princípios básicos deverão ser estabelecidos para que a atuação dos educadores tenha êxito, dentre eles, o mais importante é não basear a orientação sexual apenas no uso de

preservativos e anticoncepcionais, mas, sim, no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, o que favorece o desenvolvimento da cidadania, do respeito, do compromisso, do cuidado consigo mesmo e do cuidado com o outro (SAITO; LEAL, 2000).

É reconhecido por todos que na atualidade a Orientação Sexual é imprescindível por sua influência na formação completa da criança e do adolescente. A omissão, diante desta evidência, trará repercussões que podem comprometer não só o presente como o futuro das gerações (SAITO; LEAL, 2000).

Para Suplicy et al. (2000), a Orientação Sexual é uma também é responsabilidade da escola, significando um processo formal e sistematizado que abre discussões que permeiam a realidade de jovens, ajudando-os a se tornarem mais maduros para fazerem escolhas motivadas pelo o conhecimento transmitido, livres de vergonhas ou culpa minimizando os riscos de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Já a Educação Sexual se dá através de maneira informal, vinda do convívio com familiares e amigos, mídia, imagens e músicas, ou seja, tudo o que se aprende em sociedade criando a identidade sexual do individuo.

O que se percebe é que na família o diálogo ainda é pouco ou nenhum, na escola o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos preventivos e biológicos, reforçando a idéia da sexualidade ligada à reprodução e tanto educadores como profissionais de saúde permanecem com posturas carregadas de preconceitos e tabus (VALLADARES, 2005).

Apesar dos avanços sobre a evolução do papel da mulher, apesar da pílula anticoncepcional, dos relacionamentos rápidos, conhecido como “ficar”, que trazem modificações nos papéis sociais, há muito que se caminhar para que adolescentes de ambos os sexos possam assumir a sexualidade sem riscos, bastando lembrar que ainda existem críticas negativas em relação a uma adolescente que carrega na bolsa um preservativo (ALTMANN, 2003).

A proposta da educação sexual deve conter liberdade, responsabilidade e compromisso, a informação funcionando como instrumento para que adolescentes de ambos os sexos possam ponderar decisões e fazer escolhas mais adequadas. A escola tem o dever de não apenas transmitir conhecimentos, mas sim envolver a todos em ações que desenvolvam cidadania e compromisso consigo mesmo e com o outro (SILVA, 2008). Segundo Suplicy et al. (2000), antes de qualquer coisa, torna-

se necessário buscar instrumentos que permitam melhor preparar aquele que vai orientar e não só os professores de Ciências ou Biologia serão responsáveis pela orientação do conteúdo, mas a escola como um todo.

Vale lembrar que na discussão sobre a função da escola não se pode ignorar as reais condições em que esta se encontra. A situação de precariedade vivida pelos educadores, expressa nos baixos salários, na falta de condições de trabalho, de metas a serem alcançadas, de prestígio social, na inércia de grande parte dos órgãos responsáveis por alterar esse quadro, provoca, na maioria dos profissionais, desmotivação na busca por conhecimento para modificar esta situação. Essa desvalorização e mudanças no rumo da educação diante da orientação política de cada governante geram, para a maioria dos professores, um desânimo para se engajar nos projetos de trabalho propostos, mesmo que lhes pareçam interessantes, pois eles dificilmente terão continuidade (BRASIL, 1997).

1.5 Quanto à formação de professores.

No cenário do Brasil começaram a ser criadas, no final do século XIX, as Escolas Normais, no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Com isso, ganharam força os movimentos que lutavam pela educação das mulheres. O acesso à escolarização via Escola Normal, atendeu mais às necessidades sociais, estendendo a escolarização para uma parcela maior da população e também às necessidades das jovens de poucos recursos do que aos apelos de mulheres de classes privilegiadas. As Escolas Normais eram uma “saída” para as jovens sem dote, para que estas não se tornassem um peso para a sociedade, pela dificuldade que possivelmente teriam de se casar (LUSA; FERREIRA, 2009).

Ser professora representava um prolongamento do lar e, ao mesmo tempo, uma forma digna de sobreviver.

Para Almeida (1996, p.74) citado por Lusa e Ferreira (2009)

> Instruir e educar as crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobreviver, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado esvaia-se perante a nobreza do magistério.

Segundo Oliveira (2000), o professor é produzido socialmente e culturalmente para assumir uma postura dócil, lucrativa, discreta, gentil, amável; disciplinado para suportar o cansaço cotidiano, os gritos e histerias dos alunos. Na constituição da identidade do ser professor, há uma série de conflitos, de tensões que se verificam dia após dia. A construção dessa identidade docente não é, portanto, um dado natural, uma propriedade peculiar, um produto. É, a saber, um lugar de conflitos, de lutas, de discussões.

Na visão de Oliveira (2000) a produção de um professor é um objetivo presente em nossa sociedade ocidental. A invenção do professor não inclui apenas "disciplinas" escolares comuns às licenciaturas (metodologia do ensino, didática, psicologia da aprendizagem, história da educação), mas, acima de tudo, "disciplinas" do corpo e da mente que objetivam formar um determinado modelo de ser mestre, daí ele ter que entrar, muitas vezes, no "ensino normal", já que o anormal, patológico, não forma uma identidade do ser professor, não trabalha a postura do corpo, as regras de dar aula, a prática pedagógica. A identidade do ser professor é forjada em "disciplinas" escolares (em que o estudante do "normal" ou das licenciaturas, é ensinado, medido, avaliado, categorizado, rotulado, etc.) e em "disciplinas" do corpo (posturas, técnicas, entonação, vestuário, etc.). É criada, portanto, uma série de estereótipos para a professora: materna, educada, cuidadosa, dedicada, etc.. A construção desses estereótipos estava quase sempre permeada de um tom moralista e tradicional, recheado pelos padrões rigidamente instituídos nas tradições conservadoras da “moral brasileira”.

Para Louro (1997) citado por Oliveira (2000), com a massiva entrada das mulheres no magistério, este também começou a se feminizar, “tomando emprestados” atributos tradicionalmente associados às mulheres. As professoras passam a ser entendidas como “mães espirituais” e cada aluno/aluna passam a ser percebidos/as como seus/suas próprios/as filhos/as. Assim, a formação da docência pode ser compreendida não apenas como crescimento numérico das mulheres empregadas como professoras, mas também como estabelecimento de características de gênero feminino para a ocupação.

Cruz (1996) ressalta que a educação infantil era pouco investida pelo governo, não tendo um caráter profissional consolidado, marginalizando esta categoria. Entretanto, com a promulgação da constituição de 1988 é assegurada a educação de crianças de 0 a 6 anos enquanto dever do Estado. A partir de então,

intensificam-se creches e pré-escolas são construídas pelo país, também mudando a postura do profissional desta área, que começa a ter metodologias especifica, objetivos, valores e prioridades de ensino para atuar com essas crianças.

O MEC, então, cria uma identidade para este profissional, a fim de estabelecer meios para fiscalização desses profissionais e critérios mais rígidos para a formação dos mesmos, melhorando significativamente a educação infantil no país.

CAPÍTULO II

Analisando os Dados.

2.1 O Cenário da pesquisa.

2.1.1 Metodologia.

Figura 1 – Imagem do Colégio Estadual Presidente Dutra.



A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Presidente Dutra, que se localiza no Km 7 na cidade de Seropédica, com caráter de ensino Fundamental, Médio e Formação de Professores. Funciona no turno da manhã e da tarde.

O primeiro contato foi feito com a direção do Colégio a fim de solicitar a autorização para utilizar o Colégio como cenário de estudo, saber em quais horários poderia ser feita a coleta de dados com os alunos e professores, do curso de formação de professores chamados por eles de Curso Normal (CN). Neste primeiro contato, a direção se mostrou bastante aberta à pesquisa e encaminhou a pesquisadora aos inspetores da escola onde foram fornecidas as informações necessárias e a ajuda que precisasse.

O Curso de Formação de Professores é composto por 4 anos, sendo que do 1º ao 3º ano os alunos podem ter aulas durante a semana em horário integral ou em turnos diferentes, manhã ou tarde. No 4º ano os mesmos tem um número menor de aulas, devido ao estágio obrigatório em escolas de ensino infantil. O 1º ano do Curso de Formação de Professores tem 5 turmas, o 2º ano também possui 5 turmas, o 3º ano é composto de 4 turmas e o 4º ano de 5 turmas. Entre cada ano foram escolhidas 2 turmas de forma aleatória, que segundo os inspetores, tinham em média 30 alunos cada, porém, algumas turmas tinham menos, gerando um total de 176 alunos nas 8 turmas investigadas.

Os professores que participaram da coleta de dados foram os que estavam ministrando aulas nas turmas escolhidas no momento da aplicação do questionário investigativo[3] (ANEXO I), devido ao pouco horário disponível dos mesmos durante o dia e a disponibilidade de encontrar um professor do curso normal no Colégio. Destaca-se que 3 turmas no momento da coleta estavam em horário vago, ou seja,

[3] Esta denominação foi retirada do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Question%C3%A1rio> em 20 de novembro de 2010.

sem professores em sala, em 2 turmas os professores não aceitaram responder, somente 3 professores responderam o questionário. Esses dados dos professores foram acrescentados aos dos 5 professores que responderam este mesmo questionário em 2009, na pesquisa já mencionada.

A coleta ocorreu em 4 dias nos horários da manhã e da tarde, sendo que a cada dia, 2 turmas participaram da coleta, respectivamente com os professores que estavam presentes. Todas as turmas se mostraram bem favoráveis à aplicação do questionário investigativo (ANEXO II), mostrando-se solícitos no momento das respostas. Em uma turma de 3º ano um aluno negou-se a participar da coleta. O questionário investigativo aplicado continha perguntas abertas e fechadas, a fim de obter respostas diretas e também estimular o pesquisado a expor idéias e discutir sobre elas. Os dados foram tabulados com o auxílio do programa do Pacote Office, o Excel, originando gráficos e tabelas.

2.2 Os dados da pesquisa.

2.2.1 Idade.

Os alunos das duas turmas entrevistadas de 1º ano têm em média entre 15 e 17 anos. Com 15 anos o percentual foi 39,7%, seguidos de 29,3% com 17 anos e com 16 com 24,1%. Porém, as variações da idade desses alunos estão entre 14 e 37 anos.

Um fator observado foi que os alunos do 1º ano, apesar de serem mais novos, responderam de forma mais completa as questões levantadas, mostrando que mesmo com pouca idade a importância do tema sexualidade, ainda que pouco trabalhado ou ainda com pouca profundidade, o interesse foi grande quanto à relevância do assunto com seus futuros alunos.

As idades das turmas de 2º ano variaram mais, tendo alunos de 15 a 41 anos, mas a frequência de 20 a 40 foi maior. Os alunos na faixa de 16 e 17 anos têm 26,5% cada, caracterizando as turmas como jovens. Já a turmas de 3º ano, a frequência de alunos na faixa de 20 a 45 anos é mais notável, porém a maior parte dos alunos está na faixa etária de 17 a 18 anos, sendo 33,3% e o outro 23,8%, respectivamente, evidenciando que a cada ano a idade mais frequênte segue uma

sequência comum a sua faixa, no 1º ano são 15 anos, no 2º ano são 16 anos e no 3º ano são 17 anos.

Nas turmas de 4º ano as idades também chegaram à faixa dos 40 anos, porém continuam seguindo uma sequência na sua faixa etária, sendo a que aparece com maior percentual a faixa de 18 anos com 45,2% dos alunos, seguido de 14,3% para 17 e 19 anos.

Apesar do Curso de Formação de Professores ter em sua maioria alunos na faixa adolescente, que segundo ao Estatuto da Criança e do Adolescente inicia-se aos 12 anos e termina aos 18 anos, pode-se também observar que há alunos em idade adulta, após aos 19 anos, evidenciando que os cursos profissionalizantes possibilitam uma junção entre o término do Ensino Médio e a preparação para exercer uma profissão, onde muitas pessoas o procuram para aumentar as chances de qualificação e entrada no mercado de trabalho. Segundo Cardoso (2005), o ensino profissionalizante tem por caráter modificar social e culturalmente o individuo que o escolhe como meio de ensino, gerando mais oportunidades para que o mesmo possa utilizar seu oficio escolhido de forma científica e manual.

2.2.2 Sexo.

Como pode-se observar na Figura 2, as turmas do Curso de Formação de Professores são, na sua grande maioria, compostas pelo sexo feminino, totalizando mais de 90% dos alunos em todas as turmas.

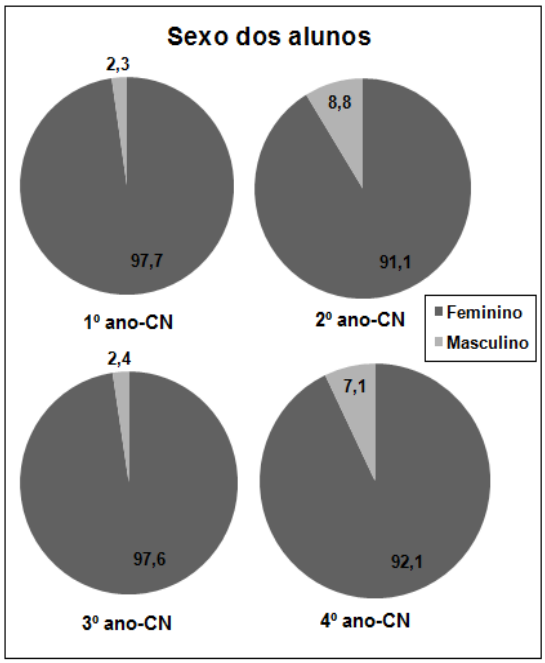


Figura 2 – Gráfico sobre a identificação sexual dos alunos uma questão levantada com as turmas do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Segundo Silva (2007), a partir dos anos 60 e 70, a escola, no Brasil, se tornou uma extensão da família onde, principalmente as mães podem contar para a educação de seus filhos, e nesta mesma época a educação ficava subtancialmente nas mãos das mães, o ensino infantil passou a ser uma tarefa das mulheres, criando uma extensão da casa à escola.

Na cultura ocidental predominante cuidar de criança é uma tarefa feminina, devido essa caracteristica o curso profissionalizantes voltados para educação infantil é predominatemente feminino, ou ainda, homens com a orienatção sexual homossexual. Segundo os próprios alunos do Colégio pesquisado, as turmas nunca têm homens e quando têm provavelmente são gays, afirmando essa caracteristica cultural da educação de crianças.

Na sala de aula, na passagem do último século, os educadores são solicitados a exercerem funções maternas e paternas, confundindo o ambiente escolar com cuidados parentais, devido a diminuição dos laços mãe e bebê estarem. Este educador é forçado a ter uma postura mais profissional e de negação para não causar uma competição entre as cuidadoras e educadoras de creches e escolas de ensino básico, como afirma Silva (2007).

Outra razão alegada por Freire (1997) para explicar a opção em favor do curso de formação de professores coincide com a ideologia que reduz a professora

como profissional à condição de tia, continuando assim a ligar a educação infantil com uma extensão da família e da casa.

2.2.3 A importância de falar sobre sexualidade.

Como pode ser observado na Figura 3, os alunos em quase toda sua totalidade consideram importante falar com seus futuros alunos sobre sexualidade, apenas o 2º ano e 4º ano tiveram uma pequena parcela de 6% e 5% respectivamente de negação. As justificativas mais frequentes foram: *"a importância em falar com os seus futuros alunos, mesmo sendo crianças"; "precisa-se orientar e esclarecer suas dúvidas sobre sexo para que no futuro não ocorra nada do que eles possam se arrepender como doenças ou gravidez indesejada"; "também por que a escola é o meio mais seguro para descobrirem o que o sexo representa para uma pessoa, sem erros ou equívocos".* Segundo Valladares (2005), a importância do papel da escola no momento que as dúvidas começam a aparecer é a forma da abordagem que, ela possa responder as dúvidas e anseios dos jovens de um modo social, biológico e psicológico, para que a Orientação Sexual não seja meramente biológica deixando de suprir as demandas dos mesmos.

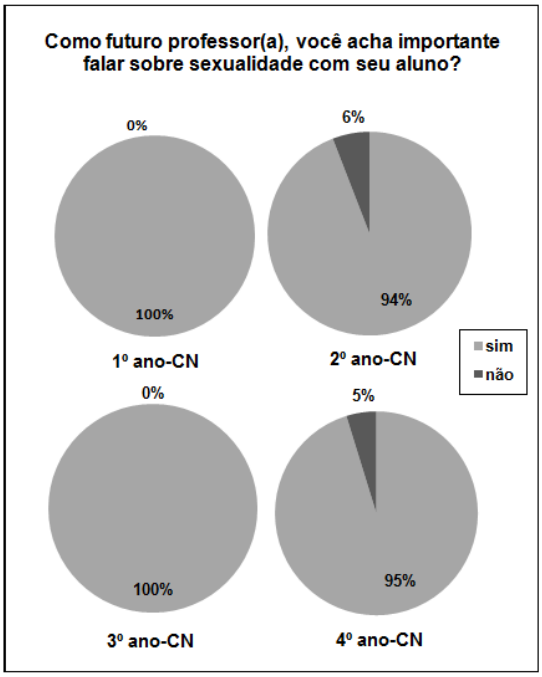


Figura 3 – Gráfico sobre a abordagem da Sexualidade como profissional uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

No 1º ano as respostas foram todas positivas, como observado na figura 3, sendo que as justificativas mais exemplificadas foram às seguintes: *"a orientação deve começar cedo para que o censo de responsabilidade cresça junto a estas crianças para não fazerem "besteiras" na adolescência"; "a falta de conversa dentro dos lares sobre este tema deixa várias dúvidas e a escola tem como obrigação tirar essas dúvidas com os alunos para que o sexo seja feito com respeito entre ambos".* Para Valladares (2005), mesmo que os pais não conversem diretamente com seus filhos sobre sexualidade, de alguma forma eles passam seus valores e modo de perceber a manifestação sexual, representando uma postura sobre a educação sexual dentro dos lares, não de uma forma direta e conversada, mas sim existente em posturas e atitudes dos pais e demais parentes. Entre os demais alunos as justificativas foram sempre sobre *"o alerta e a conscientização de jovens e a importância de saber se prevenir, para que nada de errado ocorra".*

Para os alunos do 2º ano, 6% acharam que não é importante falar sobre sexualidade com seus futuros alunos, segundo eles: *"é um assunto muito delicado que o mais correto seria que os pais falassem sobre isso"; "também que falar desde cedo incentiva as crianças a começarem a vida sexual e que depende da turma, mas como professor tentaria não falar sobre o assunto"*. Na visão de Silva (2007), o professor é por muitas vezes o adulto que mais convive com as crianças, por ficarem por um longo tempo nas escolas, tendo um maior conhecimento de sua postura, e consequentemente, de suas curiosidades. Então, o mesmo não exercendo uma atuação conforme as necessidades de seus alunos podem deixar lacunas abertas e sem respostas, proporcionando escolhas erradas da parte dos mesmos. Segundo Suplicy et al. (2000), hoje estudos mostram que a orientação nas escolas não incentiva o ato sexual, sim ajuda a organizar as escolhas dos jovens e a se prevenir.

Entre os alunos do 3º ano também houve uma totalidade positiva, sendo que suas principais justificativas expressaram que: *"é um dever do professor preparar e orientar o aluno sobre DST, gravidez, métodos contraceptivos, etc. para que não ocorram imprevistos no momento do ato sexual"; "falar sobre a importância da quebra de tabus e mitos, também sobre diversidade sexual e a liberdade que este assunto dá para que o aluno e o professor se tornem mais próximos".* Como já exposto anteriormente, já se sabe que a orientação sexual não funciona se estiver plenamente ligada ao aparelho reprodutor como era passado anteriormente, não que o mesmo não possa ser um tema em uma aula, porém não exclusivamente, sendo

também incorporados temas como tabus e mitos, diversidade sexual. O jovem, cada vez mais, sente necessidade de um debate mais amplo que contemple as demandas vivenciadas nesta fase da vida.

No 4º ano, 5% dos alunos se mostraram contrários a essa questão, sendo justificado por eles, que: *"é complicado falar de sexualidade com alunos tão novos e as crianças de hoje já estão muito "ousadas" e incentivar é um erro*". Já entre os 95% que acham importante falar sobre sexualidade, o argumento foi: *"para saberem se proteger contra doenças e gravidez"; "para conhecer o corpo humano e seus prazeres"; "para saberem se defender de abusos sexuais*". No que se refere aos abusos sexuais com crianças, vale evidenciar com Silva (2007), que estas demonstram de diversas formas quando está sofrendo abuso sexual. Algumas mudam seu comportamento, outras fazem desenho que expressam a agressão, mas o difícil é separar a fantasia da realidade, sendo este o momento que o educador pode perceber a situação e buscar intervir junto às autoridades. No entanto, a autora lembra que não há uma certeza, por isso a instituição de ensino tem que atuar na orientação sexual da criança, dando suporte para que a mesma possa diferenciar a fantasia da realidade, e assim gerar mecanismos para que ela se abra e para que possa ter uma ajuda profissional especializada.

Como se pode notar, os alunos, apesar de estarem em anos e terem idades diferentes, não responderam de forma tão distinta, mostrando uma preocupação com o acesso à informação de qualidade, e a partir desse conhecimento, possa ter maiores chances de fazer escolhas e adquirir um olhar critico sobre sua vida sexual.

2.2.4 Matérias e a abordagem da sexualidade.

O que se pode observar nas tabelas 1; 2; 3 e 4, é que a matéria mais mencionada pelos alunos que deveria abordar o tema sexualidade na escola, quando estes fossem professor, foi a de Ciências, por que, segundo eles, é a que tem mais haver com o tema e com o corpo humano. A Educação Física e a Biologia também tiveram uma alta frequência, devido também estarem relacionadas com o corpo humano.

Segundo Suplicy et al. (2000), a influência da mídia, as ameaças de doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez indesejada e a violência sexual dentro e fora

de casa, têm impulsionado a instituição escolar a implantar a Orientação Sexual de forma ampla.

TABELA 1 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Disciplinas	Frequência	Percentual
Educação Física e Biologia	13	22,4
Ciências	11	19,0
Biologia	7	12,1
Educação Física	7	12,1
Não respondeu	6	10,3
Não sabe	5	8,6
Ciências e Educação Física	3	5,2
Ciências, Biologia e Educação Física	2	3,4
Física	1	1,7
Português e Educação Física	1	1,7
Biologia, Filosofia e Educação Física	1	1,7
Sociologia e Educação Física	1	1,7
Total	**58**	**100**

TABELA 2 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Disciplinas	Frequência	Percentual
Ciências	19	55,9
Qualquer matéria	4	11,8
Não respondeu	2	5,9
Ciências e Português	2	5,9
Biologia e Ciências	2	5,9
Sociologia	2	5,9
Ciências e Religião	1	2,9
Ciências e Educação Física	1	2,9
Ciências e Psicologia	1	2,9
Total	**34**	**100**

TABELA 3 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica. (continua na primeira)

Disciplinas	Frequência	Percentual
Ciências	21	50,0
Não respondeu	6	14,3
Ciências e Português	2	4,8
Ciências, História e Geografia	2	4,8
Qualquer matéria	2	4,8

Sociologia, Biologia e Filosofia	2	4,8
Biologia	1	2,4
Biologia e Ciências	1	2,4
Ciências e Geografia	1	2,4
Ciência e Sociologia	1	2,4
Educação Física e História	1	2,4
Português e História	1	2,4
Sociologia, Biologia e Filosofia	1	2,4
Total	**42**	**100**

TABELA 4 – Disciplinas que devem abordar o tema sexualidade quando for um profissional, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Disciplinas	**Frequência**	**Percentual**
Ciências	22	52,4
Não respondeu	10	23,8
Qualquer matéria	3	7,1
Ciências e estudos sociais	2	4,8
Biologia	2	4,8
Ciência e Sociologia	1	2,4
Ciências e Português	1	2,4
Sociologia	1	2,4
Total	**42**	**100**

No 1º ano, (TABELA 1), as disciplinas aparecem com pouca frequência e suas justificativas são: *"a Sociologia estuda as pessoas e a convivência dando uma abertura para falar do respeito na hora do ato sexual"; "seria interessante ver uma matéria tão diferente falar sobre sexo".* Apesar de aparecerem com uma baixa frequência, alguns futuros educadores já se mostram dispostos a uma mudança na visão das disciplinas que deveriam falar de sexualidade junto aos alunos.

Entre os alunos do 2º ano, (TABELA 2), uma diferença foi a não especificação de uma matéria, com 11,8%, para eles qualquer matéria pode falar sobre sexualidade e dentre esses alunos não houve uma justificativa sobre essa opinião. Quando o MEC propôs à implantação dos Temas Transversais nas escolas o principal compromisso foi com a construção da cidadania com uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, tendo como perspectiva o trabalho dos temas uma interdisciplinaridade, para que os mesmos consigam atingir o aluno de forma integral, sendo assim esta resposta dos alunos aparece como a mais próxima para a real função dos temas transversais. As demais

matérias apareceram com pouca frequência, como Sociologia, Educação Física e Biologia, uma diferença está no Ensino Religioso que foi escolhido por abordar o tema de forma não científica, sim espiritual e Psicologia que trabalharia o tema com todos os seus problemas e variações, segundo os alunos que escolheram essas disciplinas.

Com os alunos do 3º ano, (TABELA 3) em segundo lugar com 14,3% foi a ausência de respostas, em terceiro com 4,8% aparecem mais de uma escolha como: Ciências e Português que para eles *"a união entre essas duas disciplinas poderiam usar textos de jornal, revista ou a televisão para falar do assunto e do corpo humano, para sair um pouco só das palestras*"; "qualquer matéria' foi mencionada mais uma vez, segundo os alunos qualquer um pode falar sobre sexualidade só estar preparado. Ciências, História e Geografia *"são disciplinas mais dinâmicas que geram bastante debates";* Sociologia, Biologia e Filosofia são disciplinas que *"se envolvem com o cotidiano e caem bem melhor com o assunto".*

Os Temas Transversais por constituição tem um papel agregador de realidade dentro das escolas, e por mais que seja uma forma de preparar o ser humano para a vida, através do conhecimento científico, eles correlacionam este conhecimento com as reais necessidades humanas, como conviver e respeitar outro ser vivo, como um devido cidadão, como já mencionado. Porém, a forma que este tema deveria ser abordado seria através da integralidade das disciplinas oferecidas na grade curricular e um grande problema para as escolas é a falta de preparo dos educadores que quando estão na graduação poucas são as instituições de ensino superior que incluem métodos ou disciplinas que o preparem para atuar com tais temas. Então, o educador acaba não dando os temas ou usam o conhecimento adquirido com a vida, o senso comum, que pode vir cheio de preconceitos e juízos pessoais, confundindo o aluno.

O 4º ano foi o que menos participou dessa pergunta, (TABELA 4), sendo que 23,8% não responderam a questão. Em seguida foi mencionada qualquer matéria, pois segundo eles *"todas têm que trabalhar os temas transversais";* Ciências e Estudos Sociais ficaram em quarta posição, seguida da Biologia, sendo que suas justificativas são respectivamente: *"fala do corpo e da mente"; "tem a ver com saúde".* As demais apareceram com pouca frequência.

Uma questão interessante é que apesar das matérias da área de Ciências Humanas e Sociais, como Sociologia, Filosofia, História e Psicologia aparecerem

com pouca frequência, foram sempre mencionadas pelas turmas. Além das mudanças físicas que os jovens passam quando estão entrando na adolescência, mudanças psicológicas e a necessidade de serem ouvidos surgem junto a essas novas características, abrindo caminhos para que essas disciplinas consigam ter maior facilidade na hora da abordagem do tema, suprindo algumas lacunas de disciplinas que focam o corpo humano como fator principal no momento da orientação (VALLADARES, 2005)

2.2.5 A sexualidade e as formas de abordagem.

Quando levantada a questão sobre como deveria ser a abordagem do tema sexualidade para que seus futuros alunos a compreendessem melhor, como pode-se observar nas tabelas 5, 6, 7 e 8, a forma verbal foi a opção mais escolhida por eles por ser a de mais fácil acesso. Segundo Suplicy et al. (2000) a verbalização é a forma de expressão mais usada pelos jovens, porém para que a mesma não se torne algo incontrolável e negativo o educador terá que ter uma postura que venha proporcionar trocas de idéias, sistematizando e gerando reflexão sobre o tema abordado.

Para Suplicy et al. (2000) o uso de materiais aumenta a compreensão do tema e auxilia na não monotonia das orientações, proporcionando uma maior interação com o assunto debatido, já que materiais como réplicas de órgãos genitais ajudam na visualização e na diminuição de dúvidas no momento prático, como por exemplo no momento de demonstrar a utilização de um método contraceptivo. Entretanto, “risadinhas”, “piadinhas” e “cochichos” podem surgir quando tais materiais são apresentados e a postura do orientador é usar estas manifestações para mostrar o quanto de vergonha e ansiedade estes risinhos, piadinhas e cochichos demonstram e que estas são naturais neste momento.

TABELA 5 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica. (Continua na primeira)

Formas de Abordagem	Frequência
Verbal	45
Com o uso de materiais demonstrativos	42
Com o uso de imagens	23
Com o uso de filmes	15

Outros: Gincanas	1
Total	**126**

TABELA 6 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos de 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Formas de Abordagem	Frequência
Verbal	32
Com o uso de imagens	20
Com o uso de materiais demonstrativos	18
Com o uso de filmes	13
Outros: Trabalhos gerados por alunos	1
Total	**84**

TABELA 7 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Formas de Abordagem	Frequência
Verbal	39
Com o uso de materiais demonstrativos	34
Com o uso de imagens	34
Com o uso de filmes	18
Outros: Mostrando as diferenças entre os órgãos genitais	1
Total	**126**

TABELA 8 - A abordagem do tema sexualidade em uma linguagem mais compreensível, uma questão levantada com os alunos de 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Formas de Abordagem	Freqüência
Verbal	35
Com o uso de materiais demonstrativos	30
Com o uso de imagens	22
Com o uso de filmes	11
Total	**98**

No 2º ano (TABELA 6), em segundo lugar apareceu o uso de imagens na abordagem do tema. Para Valladares (2005), o uso de imagens, seja em fotos ou figuras, ajuda na contextualização do assunto e exemplifica as dúvidas dos alunos. E como já mencionado por Suplicy et al. (2000), qualquer material escolhido pelo

educador desde que seja usado de forma a acrescentar o debate, auxilia na compreensão do tema. Entretanto, o professor terá que ter um propósito bem definido no momento do uso da imagem e ter um cuidado na hora da escolha, para não erotizar a aula ou assustar os alunos com imagens fortes, que possam proporcionar medo e associar a sexualidade a uma manifestação negativa.

No 3º ano, o uso de materiais demonstrativos e imagens apareceram com bastante frequência, seguidas de uso de filmes mostrando as diferenças entre os órgãos genitais, como pode se verificar na tabela 7.

Para Brasil (1997), uma grande dificuldade que ocorre no ensino público no país, é a falta de professores qualificados e de materiais para o alcance de um bom ensino. É dever do Estado investir na Educação, porém este investimento ainda é pouco para as demandas de ensino. Por mais que os educadores se sintam preparados para estarem atuando com a Orientação Sexual nas salas de aula, devido ao pouco investimento em outros recursos como materiais didáticos disponíveis, as orientações se resumem a debates e palestras.

Outra possibilidade a ser usada, quando o educador não se sente preparado para orientar seus alunos, e ou, os temas escolhidos pelos próprios alunos sejam muito específicos, o educador junto à escola podem convidar um profissional da área de saúde ou um especialista no assunto para que a Orientação Sexual seja devidamente dada e que não fiquem duvidas juntos aos alunos.

Entre os alunos do 4º ano, a sequência de frequência não se modificou (TABELA 8). Apesar das escolhas em todos os anos seguirem próximas, uma escolha não anula a outra, já que todos podiam escolher quantas quisessem, possibilitando esses futuros professores usar todas as formas de abordagem que queiram para atingir seus alunos de forma satisfatória e diminuir a monotonia de suas aulas.

2.2.6 A liberdade entre professor e aluno.

Conforme a Figura 4, pode ser observado que em todos os anos houve uma abertura substancial em relação à liberdade, que ele, como futuro professor poderá dar ao seu aluno para retirar suas dúvidas relacionadas à questão da sexualidade. De acordo com Saito e Leal (2000), no Brasil a escola ainda oferece uma abertura tímida, enfocando temas essencialmente técnicos voltados para a saúde,

minimizando o interesse do aluno e desmotivando-o a procurar seus professores como fonte de conhecimento para suas inquietações, já que o mesmo, ás vezes, passa uma postura rígida. Porém, as autoras lembram que, quando os professores dão liberdade aos alunos, os ajudam informando sobre o papel da sexualidade, de forma muito mais informal e fluindo como uma conversa. Dentre os alunos que tem esta "conversa" com seus professores, a iniciação sexual não sofreu influência sobre o momento certo, mas sim sobre a prevenção, evitando a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis e consequentemente, o prazer com o parceiro.

Entre os alunos do 1º ano, apenas 3% se negariam a dar essa abertura com seus futuros alunos, justificando que: *"esse assunto é intimo demais ou esse tipo de conversa tem que ser feito com seus pais, não com o professor";* demonstrando uma postura de rejeição perante o assunto e também deslocando uma atuação designada também à escola e aos professores de orientar o aluno sobre os temas transversais, dentre eles a Orientação sexual, somente à educação vinda dos pais. Entretanto, para Suplicy et al. (2000), há uma grande diferença entre Orientação Sexual e Educação Sexual, como já apresentado anteriormente, sendo a primeira um processo formal e sistematizado, tendo aí a participação da escola, e a segunda, informações passadas através de atitudes e informações recebidas em relação ao sexo tendo aí a participação da família.

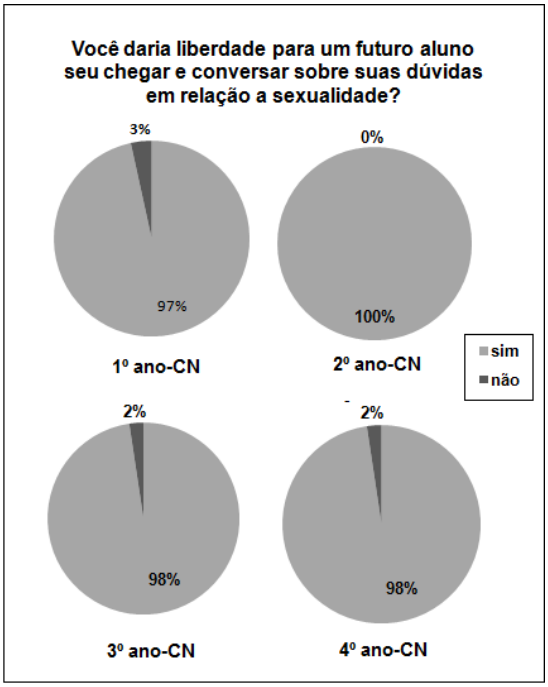


Figura 4 – Gráfico sobre a liberdade entre professor e aluno, gerando abertura para conversas sobre sexualidade. Uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

No 2º ano não houve respostas negativas, gerando um total de 100% de abertura a conversas com seus futuros alunos. Porém, nas justificativas apareceram posições duvidosas, como por exemplo: "*depende muito sobre o que ele vai perguntar"; "dependendo da conversa eu iria"; "só se os pais não souberem responder".* Isso demonstra que, apesar de responderem afirmativamente que concordam em dar uma abertura aos seus alunos, continuam reproduzindo a postura de muitos professores, deixando lacunas com dúvidas e passando para segundo plano a responsabilidade do educador de orientar, como já mencionado por autores. Nas outras justificativas, sempre enfatizava que: *"se o aluno está me procurando é devido aos pais que não conversam com os seus filhos"; "disseram que é dever da escola e do professor informar ao aluno para que ele saiba se prevenir"*. As demais justificativas foram relacionadas com o bem estar do aluno e sobre o conhecimento do assunto.

Entre os alunos do 3º ano e do 4º ano, houve 2% de respostas negativas respectivamente. Para os alunos do 3º ano as justificativas para a falta de abertura foram: *"não me sinto preparado para falar sobre esse assunto"; "provavelmente sentirei vergonha"; "acho muito pessoal"*. As justificativas do 4º ano foram: *"hoje em dia as crianças estão muito "safadinhas" se ficarmos falando sexo com elas ai mesmo que vai piorar tudo"; "não sei se teria condições".* O que se percebe com essas justificativas, é que os alunos se sentem pouco preparados para falar de sexualidade ou a sua própria educação os impedem de falar, devido a uma visão enraizada de preconceitos. Seguindo Suplicy (2000), o preconceito impede o educador de procurar informações sobre o assunto, não se preparando para lidar com ele no momento de solicitação dos alunos. Entre as justificativas positivas as respostas de ambos os anos foram bem próximas, somando-se aos demais anos, como: *"se eu não orientar quem vai?";* e *"se ele vem me procurar é porque falta em casa; é o dever do professor informar o aluno para ele saber fazer escolhas; é obrigação do professor orientar o aluno".* As justificativas seguiram uma tendência de que o professor tem sempre que orientar e ajudar seus alunos.

2.2.7 Mudança no perfil das Orientações Sexuais.

Como se observa nas tabelas 9; 10; 11 e 12, sobre a questão do que mudaria nas orientações feitas pelos seus atuais professores, a maior frequência e consequentemente porcentagem, foi que não mudariam nada e estão satisfeitos com as mudanças. Essa questão merece ser avaliada, devido aos momentos da análise das respostas em que muitos alunos deixarem expresso que não tinham orientações ou quando tinham elas não os deixavam seguros para atuarem futuramente com seus alunos.

TABELA 9 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

O que mudaria nas aulas?	Frequência	Percentual
Nada	39	67,2
Não respondeu	9	15,5
Tudo	3	5,2
Colocaria mais aulas práticas	2	3,4
Uma conversa mais aberta	2	3,4
Mudaria as aulas práticas	1	1,7
Mudaria a forma de falar	1	1,7
Abordaria temas como o prazer	1	1,7
Total	**58**	**100**

TABELA 10 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

O que mudaria nas aulas?	Frequência	Percentual
Nada	16	47,1
Nunca tive orientação	7	20,6
Mudaria a forma de falar	4	11,8
Tudo	3	8,8
Abordaria um pouco mais	1	2,9
Uma conversa mais aberta	1	2,9
Serem mais claros	1	2,9
Não respondeu	1	2,9
Total	**34**	**100**

TABELA 11 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

O que mudaria nas aulas?	Frequência	Percentual
Nada	23	54,8
Não respondeu	4	9,5
Abordaria um pouco mais	4	9,5
Nunca tive orientação	4	9,5
Serem mais claros	2	4,8
Preconceito nos gestos e comentários dos professores	2	4,8
Mudaria a forma de falar	1	2,4
Ouvir mais os alunos e suas dúvidas	1	2,4
Mais palestras	1	2,4
Total	**42**	**100**

TABELA 12 – Mudança nas orientações feitas pelos seus atuais professores, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

O que mudaria nas aulas?	Frequência	Percentual
Não respondeu	13	31,0
Nada	12	28,6
Nunca tive orientação	7	16,7
Tudo	2	4,8
Falar mais a verdade	1	2,4
O jeito de falar	1	2,4
Tratar o assunto de outras formas	1	2,4
As fotos e imagens fortes	1	2,4
A maneira tímida com que abordam o tema	1	2,4
Colocar mais imagens e filmes	1	2,4
Eles tem vergonha de falar de sexo	1	2,4
Não sei	1	2,4
Total	**42**	**100**

Entre os alunos do 1º ano, em segundo lugar estão os alunos que preferiram não responder o que mudariam com 15,5% e em terceiro com 5,2% os que mudariam tudo, justificando que: *"nunca tem orientação e quando tem não é de*

forma que não nos satisfaz". Uma questão ressaltada por Altmann (2001) é que o papel do Estado ao decidir sobre os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) é oferecer meios para que os educadores conheçam os temas propostos, através de cursos, livros, palestras, ou seja, instruir os professores, porém não é bem isso que acontece inviabilizando que a escola e os professores ofereçam uma orientação de boa qualidade. Muitas vezes, os alunos que não tem acesso a outras fontes de informação, aceitam o tipo de conhecimento e de abordagem pedagógica fornecidos. As demais mudanças tiveram representatividade baixa, porém revelando o que eles gostariam que mudasse.

Dentre o 2º ano, com 20,6% apareceu a mudança na forma de falar com 11,8% que segundo as suas justificativas: *"a forma é muito técnica e nos dificulta a compreensão, também deixando as orientações chatas",* confirmando que Suplicy et al. (2000) evidenciou anteriormente sobre o perfil rígido e técnico que os professores dão suas orientações não satisfazendo as necessidades dos alunos. A resposta *"mudaria tudo",* apareceu com 8,8% e as demais respostas, mesmo que com baixa porcentagem, demonstraram a insatisfação dos alunos quanto à forma das orientações que poderiam ser de forma mais ampla e com mais frequência durante o ano letivo.

Na tabela 11, houve algumas ausências nas respostas com 9,5%, mas na sequência, a baixa frequência de abordagem e a ausência total de orientação durante o ano letivo ficaram bem evidentes com 9,5% respectivamente. Essas respostas indicam que os alunos se percebem sem preparo para a sua vida pessoal e profissional da área de educação, que além de terem um papel de fornecedores de conhecimento científico são constituidores de cidadãos junto à família à sociedade. Segundo Altmann (2001), pelo o aluno passar muito tempo na escola, ela tem o dever de oferecer não só uma educação voltada à formação de um profissional, mas também a formação pessoal desses indivíduos que irá refletir no modelo de sociedade que teremos quando os mesmos forem lançados como pensadores e pessoas independentes.

Junto ao 4º ano, na tabela 12, estas turmas mostraram-se mais ausentes gerando 31% dos que não responderam. As demais respostas seguiram a mesma perspectiva das anteriores: *"mudança na forma de falar sobre o assunto e de adicionar recursos áudio visuais, para contextualizar melhor o tema abordado e diminuir a monotonia das orientações"*. Para Cano et al. (2000), mesmo quando um

educador se sente preparado e a escola o permite tal orientação, muitos pais repreendem alguns materiais usados durante os debates, refletindo assim na escolha dos mesmos no momento do preparo da orientação, que por muitas vezes são suspensos para que não haja um desentendimento entre a instituição de ensino e os pais dos alunos. Continuando, esta questão de pais que sentem que seus filhos são novos para ouvir explicações e demonstrações sobre sexualidade ou que sentem que esse tipo de material incentiva e demonstra pornografia ao invés da prevenção, está diretamente ligada à influência religiosa e na crença de que o ato sexual está diretamente ligado á reprodução e só ocorrendo após o casamento, perante ao representante de Deus, não apenas perante aos meios legais.

2.2.8 Os temas das Orientações Sexuais.

Quando levantada a questão sobre quais os temas sugeririam para serem abordados nas orientações sexuais, as respostas mais mencionadas foram *"todos os temas"* e *"doenças sexualmente transmissíveis (DST)"*, como pode se observar nas Tabelas 13; 14; 15 e 16. Esta alta frequência na abordagem de todos os temas, para Cano et al. (2000), evidencia a necessidade do adolescente em buscar nesta fase da vida uma formação da sua identidade, e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo, como um elemento estruturador da mesma. Por isso, o interesse de buscar e conhecer melhor os mitos, tabus e as diversas manifestações da sexualidade para que possam abordá-la de forma segura, entendendo as manifestações originadas pelo aflorar da própria da idade. Em relação à alta frequência das DST, de acordo com Sales (1988) citado por Cano et al. (2000), o motivo poderia ser devido à mudança histórica surgida com o "movimento hippie", onde a juventude é protagonista de um processo de "derrubada" dos muitos mitos políticos, culturais, sociais e entre eles os sexuais, como o da virgindade e da superioridade masculina, marcantes nessa época. Novos conceitos começam a ganhar espaços nas discussões como o direito ao prazer sem restrição, à liberação sexual da mulher através da pílula anticoncepcional e a produção em larga escala de revistas eróticas. Com a "liberdade sexual" as doenças sexualmente transmissíveis, e mais tarde o vírus da AIDS e a gravidez precoce despontam como grandes preocupações de saúde pública que atinge, entre outros atores sociais, os jovens.

TABELA 13 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Temas a serem abordados	Frequência
Todos	31
Métodos contraceptivos	15
DST	15
Diversidade sexual	14
Formas de diálogo com o parceiro	9
O prazer e orgasmo	8
Mitos e tabus	7
Total	**99**

TABELA 14 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Temas a serem abordados	Frequência
Todos	16
Métodos contraceptivos	13
DST	12
Diversidade sexual	7
Mitos e tabus	6
Formas de diálogo com o parceiro	5
O prazer e orgasmo	3
Total	**62**

TABELA 15 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Temas a serem abordados	Frequência
DST	28
Métodos contraceptivos	26
Diversidade sexual	19
Formas de diálogo com o parceiro	9
Todos	6
O prazer e orgasmo	5
Mitos e tabus	2
Outros: Importância de ir ao ginecologista; sistema reprodutor	2
Total	**97**

TABELA 16 – Sugestões de temas a serem abordados nas Orientações Sexuais, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Temas a serem abordados	Frequência
DST	18
Todos	17
Métodos contraceptivos	16
Diversidade sexual	11
Mitos e tabus	10
Formas de diálogo com o parceiro	6
O prazer e orgasmo	2
Total	**80**

Como também pode-se observar nessas tabelas, entre todos os anos pesquisados, os métodos contraceptivos e a diversidade sexual apareceram com grande frequência. Os métodos contraceptivos, apesar de atualmente estarem bem acessíveis a todos, inclusive aos jovens, eles permanecem nas orientações, talvez por estarem ligados ao problema de saúde pública, já referenciado. Para Bortolini (2008), a diversidade sexual está diretamente ligada às relações sociais, que primeiramente se estabelecem no dia a dia da família, amigos, comunidade, trabalho e na escola. E o papel dos temas transversais é formar cidadãos aptos a conviver com as diferenças e a diversidade sexual, que ainda hoje, vivem momentos de transformações principalmente no comportamento sexual e afetivo na sociedade, e nesse contexto a escola é um espaço para a discussão da sexualidade focando os gêneros, as suas identidades e orientações, assim proporcionando a erradicação dos preconceitos e conflitos no seu e demais espaços.

Uma ocorrência interessante é que apesar da mencionada “liberdade sexual” o prazer e o orgasmo, entre todos os anos, foram as últimas escolhas dos alunos, evidenciando uma contradição, quando se considera que o ato sexual não é somente um meio de reprodução. Por outro lado, pode revelar o desconhecimento de que o prazer seja ligado à afetividade ou ao corpo, sendo um fator que propicia, na maioria das vezes, a prática sexual. Pode também indicar que esses alunos, mantém a representação de sexo/procriação, apesar de apresentarem respostas “críticas” a ela e de citarem o prazer e o orgasmo.

2.2.9 Reação esperada dos futuros alunos.

Quando perguntados sobre que reações eles esperam de seus alunos quando trabalharem com a Orientação Sexual em sala de aula, como pode ser observado nas tabelas 17; 18; 19 e 20, todos os anos acham que primeiro virá a "timidez". Para Valladares (2005), a maior parte dos alunos possui padrões morais refletidos a partir de posições religiosas, transmitidos pelos seus familiares principalmente, gerando posturas nestes jovens preconceito e vergonha quanto ao sexo como um ato prazeroso. Suplicy (2000) argumenta que o não "falar" sobre sexo abertamente, seja nas escolas ou dentro dos lares, soa como algo proibido para estes jovens que acabam sentindo-se reprimidos sexualmente, tomando este ato como negativo ou errado, refletindo em sua postura quando colocado o assunto em pauta.

TABELA 17 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 1º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Reação esperada dos futuros alunos	Frequência
Timidez	39
Interação com o assunto	30
Euforia	16
Descaso	4
Apatia	2
Outros: Dúvidas	1
Total	**92**

TABELA 18 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 2º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Reação esperada dos futuros alunos	Frequência
Timidez	26
Interação com o assunto	17
Euforia	12
Apatia	3
Descaso	1
Total	**59**

TABELA 19 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 3º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Reação esperada dos futuros alunos	Frequência
Timidez	27
Euforia	24
Interação com o assunto	15
Outros: Depende de cada aluno	5
Apatia	2
Total	**73**

TABELA 20 – Reações esperadas de seus futuros alunos quando forem profissionais, uma questão levantada com os alunos do 4º ano CN, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Reação esperada dos futuros alunos	Frequência
Timidez	28
Euforia	17
Interação com o assunto	13
Apatia	1
Outros: Vergonha	1
Total	**60**

As demais reações apontadas em todas as turmas foram de “interação com o assunto” e “euforia” (TABELAS 17; 18; 19 e 20). Para estes futuros professores ambas as reações seriam positivas, já que a interação no momento da orientação facilitaria a fluir o debate sobre os temas levantados, aumentando o contato entre professor e aluno para futuras orientações e abriria espaço para que ambos se sentissem à vontade neste processo. A reação euforia é um tanto mais complexa, mas também abre espaço para debates, pois primeiramente o professor teria que ter uma postura perante esta reação de acalmar a turma, para usar toda essa energia como principio do debate, usando seus comentários e risos como uma fala e curiosidade do aluno, assim mostrando que estes gestos demonstram sua insegurança sobre o assunto. Para Suplicy et al.(2000) qualquer manifestação brusca dos jovens mostra a construção de sua identidade, pois neste período de mudanças hormonais e físicas eles ficam muito suscetíveis a alterações de humor que refletem na sua auto-imagem.

As escolhas como “apatia” e “descaso” apareceram com pouca frequência, já que nesta fase da infância e do inicio da adolescência uma característica comum é a

intensa curiosidade. Para Silva (2007) a manifestação da sexualidade já se inicia na infância, já apontado por Freud, mas apesar de todo conhecimento a respeito destas manifestações o preconceito e o tabu ainda impendem que pais e educadores falem de sexualidade com crianças, podendo gerar um adolescente cheio de dúvidas e medos,ou mesmo apático a essas questões.

Porém qualquer que seja a manifestação desses alunos, segundo Cruz (1996), os professores precisam levar em conta as diferenças de cada aluno no momento de ensinar, e também na abordagem dos temas transversais, já que eles vêm de concepções familiares diferentes. Então, cabe ao professor e a escola não demonstrar sua posição sobre qualquer tema, para não causar constrangimentos e preferências a um assunto ou pessoa, para que o aluno se sinta a vontade em abrir-se perante a turma.

2.2.10 A Orientação Sexual entre meninos e meninas.

Quando levantada a questão de se trabalhar a Orientação Sexual entre meninas e meninos separadamente, apesar da porcentagem das respostas serem distintas entre os quatro anos do Curso de Formação de Professores, como pode ser observado na Figura 5, em todos os anos a opinião foi que trabalhar separadamente não é necessário, sendo no 1º ano 95%, no 2º ano 74%, no 3º ano 57% e no 4º ano 76%. As justificativas mais citadas para não se trabalhar separadamente, foram: *“ambos têm que se conhecer da mesma forma”; “ninguém é melhor que ninguém”; “é assunto para todos”; “pois se aprender separado no futuro quando estiveram juntos um vai ter vergonha do outro”; “precisa-se dos dois para acontecer o sexo”; “para informar diferenças de diálogo”; “para tirarem dúvidas sobre o sexo oposto”.* Para Heilborn (2004), a questão da abordagem separada da sexualidade para mulher e homem é um fator culturalmente determinista na sociedade ocidental. Quando se trabalha com ambos percebe-se que o sexo para o homem é uma necessidade do corpo e enquanto para a mulher é uma necessidade emocional, apesar desta postura estar modificando-se, ainda demonstra um paradoxo em falas e gestos de homens e mulheres, como por exemplo: *“a carne do homem é mais fraca”* ou *“homens não pensam, agem”, “mulheres conseguem se controlar melhor”* ou *“a mulher precisa se apaixonar para transar”*. Isso tornado a

Orientação Sexual uma questão mais difícil, já que os homens se expressam mais abertamente, enquanto as mulheres ainda demonstram-se tímidas e quando tomam uma postura mais ativa são reprimidas por falas preconceituosas vindas dos meninos.

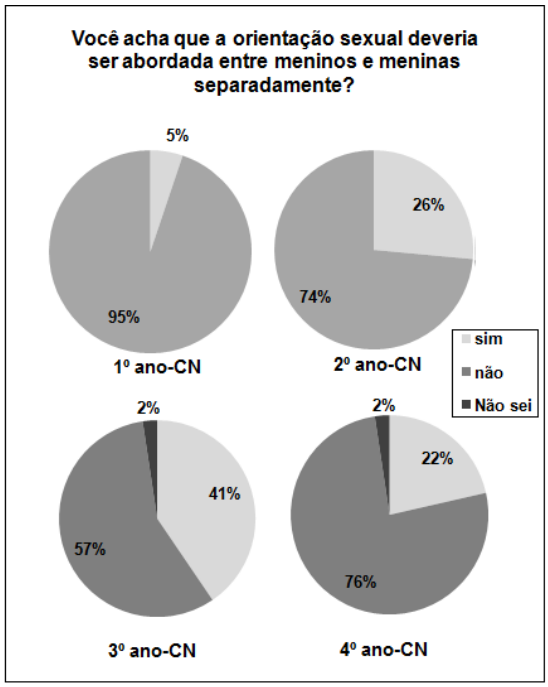


Figura 5 – Gráfico sobre a Orientação Sexual uma atuação a ser aplicada separadamente ou não, uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Para todos os anos a separação entre os gêneros teve menos aceitação, mas apareceu com uma grande porcentagem em alguns anos, como no 2º com 26%, no 3º com 41% e no 4º ano com 22%. As justificativas para tal escolha, segundo os alunos foram: "*falar sobre sexo com meninos e meninas junto pode gerar mais constrangimento"; "incentiva mais a curiosidade sobre o corpo um do outro"; "geraria menos timidez, pois as meninas pensam diferente dos homens".* Para estes futuros professores a separação no momento da orientação é um fator que facilitaria este processo, pois causaria menos euforia na turma. Porém para Frison (2008), o trabalho de Orientação Sexual nas escolas tem o papel de auxiliar na formação da identidade de meninos e meninas, por isso trabalhar de forma separada pode gerar comportamentos inadequados entre os gêneros, pois para que se aja aprendizado deve-se haver uma repetição contínua de ensinamentos que representem o cotidiano da vida social. A curiosidade infantil está também relacionada com o que as crianças vêem nas propagandas, dentro dos lares, em filmes, em músicas, etc.

Todos estes veículos usam imagens de homens e mulheres juntos como meio de transmissão de mensagens, então como se trabalhar estas dúvidas separadamente, se ao redor dessas crianças a construção da sexualidade se dá de forma unida?

Segundo Heilborn (2004), no ensino infantil é muito comum a separação de gênero através de atividades lúdicas que forneçam brincadeiras direcionadas para meninos e meninas, que indiretamente escolhem seu "lado" para poderem aprender o que é ser homem e mulher. Essa reprodução no ensino é comum a todos os anos gerando um aprendizado envolvido por preconceitos, quando, por exemplo, alguma menina escolhe algo que socialmente não deveria ser "brincadeira de menina" a mesma é vista como rebelde ou agressiva, ou quando um menino escolhe brincar com "brincadeira de meninas", o mesmo é chamado de apelidos que lhe comparam a uma menina, como se fosse humilhante ser comparado ao gênero feminino, reforçando a desigualdade entre homens e mulheres dentro das escolas.

Outro dado foi que entre o 3º e 4º ano, com 2% respectivamente, ainda não sabem se vão trabalhar separadamente com meninos e meninas, justificando que: *"vai depender da turma ou dá idade dos alunos".* Para eles se os alunos forem muito novos o ideal é que se trabalhe separado para não confundir a cabeça dos alunos. Mas para Silva (2007), em qualquer idade o professor pode iniciar a Orientação Sexual de forma conjunta, porém antes terá que reunir os pais e mostrar o projeto das aulas e a sua importância, ter consciência que a introdução da sexualidade com estes alunos começará de forma leve e mais demonstrativa, explicar dúvidas expostas pela criança de forma explicita e técnica, e assim a cada ano introduzir temas mais complexos voltados não apenas para o biológico, mas também para emocional, social e cultural.

2.2.11 Preparação para tratar do tema sexualidade.

Quando levantada questão se os alunos acham que estão sendo preparados para atuarem com a sexualidade quando professores, como pode-se observar na Figura 6, os 1º e 2º anos, com 66% e 59% respectivamente, acreditam estarem sendo preparados, enquanto o 3º e 4º, com 71% e 88% respectivamente mostraram-se não estarem sendo preparados. Sendo que 29% dos alunos de 3º ano e 10% do 4º acreditam estarem sendo preparados. As justificativas para estarem sendo

preparado foram: *"os professores falam bastante sobre isso"; "meus pais e os professores conversam bastante comigo"; "alguns professores falam sobre o tema"; "somos instruídos em feiras pedagógicas".* A principal importância da preparação de um profissional do curso da formação de professores, segundo Balestrin (2007), é a iniciação no debate sobre a sexualidade com as crianças do ciclo básico, que mostra-se com uma enorme deficiência no Brasil, já que a sexualidade nas escolas não é vista como digna de importância na educação infantil. As primeiras manifestações nesta fase são ignoradas por pais e educadores, sendo este um motivo para o não ensinamento de qualidade a esses profissionais da área.

Dentre as justificativas para a não preparação para atuação com sexualidade estão: *"quase nunca é abordado o tema pelos professores"; "não temos aula sobre esse assunto"; "até agora não tive uma boa aula sobre este assunto"; "não me sinto à vontade para falar disso", "tenho vergonha".* Como já mencionado anteriormente, muitos alunos mostraram insatisfação com as orientações feitas pelos professores ou pela ausência das mesmas. A pouca capacitação do professor e da escola são os principais bloqueadores da introdução do tema nas salas de aulas, também já evidenciado anteriormente, mas muitos não sentem apenas dificuldades em falar de sexualidade devido a não preparação, mas sim por causa da timidez pessoal, pois o profissional também é um ser emocional que trás consigo tabus e mitos culturais.

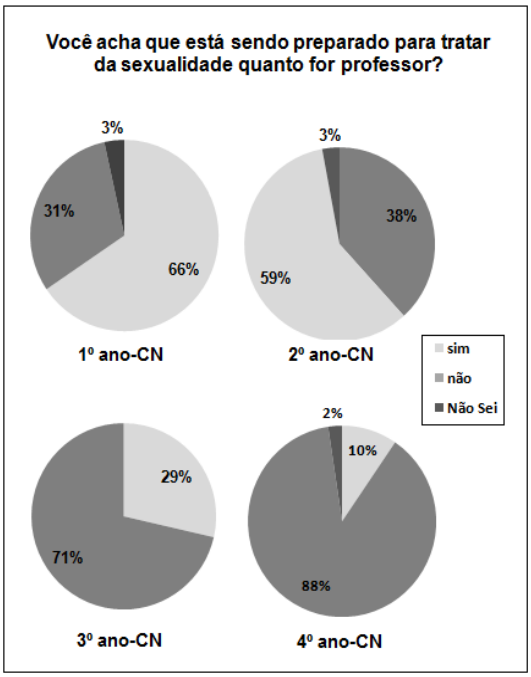


Figura 6 – Gráfico sobre há preparação com os alunos para atuarem com a Orientação Sexual na vida profissional, uma questão levantada com os alunos do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

Entre o 1º, 2º e 4º ano outro dado levantado foi à menção a opção *"não sei se estou sendo preparado".* Esta dúvida pode estar relacionada à sensação pessoal de preparo ou à técnica. Como já mencionado, alguns sentem-se envergonhados em tocar no assunto. Uma crítica de Balestrin (2007), à formação de professores é que os alunos que tem algum contato com os Temas Transversais, principalmente a sexualidade só os conhecem não tendo acesso a ensinamentos metodológicos a respeito de como se trabalhar este tema, que recursos usar para cada idade ou necessidade, como falar e agir ou quantas vezes é o ideal se é que existe uma quantidade, deixando falhas no tratamento dos Temas Transversais na Educação Infantil.

2.2.12 Atuação na profissão.

A pergunta que se referia a se você irá exercer a profissão quando formado, apenas foi feita com o 4º ano. Como pode-se ver na Figura 7, 33% responderam que sim, enquanto 55% responderam que não, evidenciando uma insatisfação quanto à profissão escolhida, sendo que 5% ainda não tem certeza e 7% não responderam.

Segundo Cardoso (2005), com a industrialização no século XX, os ensino profissionalizante ganhou diversos apoios do governo para sua estruturação e expansão, para que se gerasse mão-de-obra qualificada e para que assim se estabelecesse a relação educação, tecnologia e sociedade, dando ao homem vindo do campo a qualificação para estarem atuando em novos mercados. Hoje apesar de mudanças nas demandas de mercado, a procura por cursos profissionais continua, gerando uma procura no Ensino Médio por cursos que capacitem para o mercado de trabalho. Muitas vezes os adolescentes ainda não estão maduros sobre o que realmente querem para sua vida profissional, ou mesmo, os adultos que procuram a escola para ter uma profissão podem escolhem um caminho mais acessível buscando cursos profissionalizantes oferecidos próximos a sua residência. Também, após terem passados por todos os anos do curso de formação de professores, talvez eles não se sintam preparados para atuarem numa área de grande responsabilidade, como a de educar.

A possibilidade deste aluno em ir buscar a entrada no Ensino Superior, que lhe gerará outros caminhos, lhe afastando da atuação como um futuro professor,

pode ser uma explicação para essa resposta, como também a desvalorização desta profissão percebida ao longo dos anos.

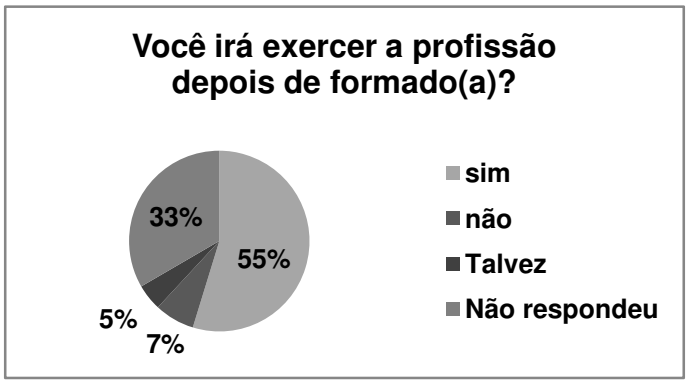


Figura 7 – Gráfico sobre a atuação no mercado de trabalho, uma questão levantada com os alunos do 4º ano do Curso Normal, no Colégio Estadual Presidente Dutra, Seropédica.

2.2.13 A visão dos Professores sobre a sexualidade.

Foram entrevistados 8 professores, dentre eles 6 eram do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Sendo as docentes: 1 de Artes, 2 de Educação Física, 1 de Matemática, 2 de Disciplinas Pedagógicas; e os docentes: 1 de Geografia e 1 de Química. Quando perguntados sobre o que era sexualidade para eles, as respostas foram às seguintes para as mulheres: "*é a maneira que o ser humano se relaciona com os outros e com ele mesmo, levando em consideração seus desejos"; "é a abordagem sobre aspectos sexuais"; "tudo relativo a sexo"; "é o desenvolvimento do ser humano em todos os aspectos, em especial no que se refere ao prazer"; "conhecimento do próprio corpo e do outro"; "são carícias e interação entre duas pessoas".* Para os homens as respostas foram: *"é aprender a se conhecer, se descobrir e a respeitar as diferenças e as ideologias que cada pessoa sobre a ação sexual"; "são atribuições que norteiam a prática sexual do indivíduo".* Para Favero (2007), a sexualidade possui vários conceitos, e um vocabulário bem enriquecido. Existem diferentes abordagens do tema que variam de acordo com concepções e crenças convenientes a cada um. Em alguns lugares pode-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto, em outros, este é discutido de forma livre e com grande aceitação de diferentes olhares ao redor do termo. Quando relacionados apenas ao ato sexual não contempla a abrangência do seu significado, deixando lacunas quando a significação social e cultural. E como pode-se perceber há

respostas de professores que relacionam a sexualidade apenas ao ato sexual, não satisfazendo principalmente as curiosidades dos alunos, como já mencionado anteriormente.

Segundo Brasil (1998), a função do professor como orientador não é transmitir valores com relação à sexualidade na forma de responder às questões trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual.

Segundo todos os professores investigados, quando perguntados se já tinham trabalhado com Orientação Sexual em suas aulas todos responderam que sim, entrando em contradição com as respostas de alguns alunos que afirmaram que nunca tiveram aulas que abordassem o tema. Para estes alunos, essa falta de discussão não é suprida, deixando-os despreparados para passar este conhecimento a seus futuros alunos.

Conforme Brasil (1997), os Parâmetros Nacionais Curriculares vieram com a proposta de preparar melhor o professor e a escola do Ensino Fundamental, como já referenciado. Então, temas como os Transversais foram propostos para que o aluno e o profissional possam ingressar no mercado de trabalho e atuar como cidadãos e profissionais habilitados, sendo uma obrigação de qualquer Instituição de Ensino formadora de licenciados ou de alunos com formação Fundamental ter acesso a essa forma de ensino.

Conforme a respostas dos professores, suas Orientações Sexuais utilizam todos os recursos possíveis, como: verbal, materiais demonstrativos, imagens e filmes, gerando mais interação com a turma e fugindo da monotonia de usar um único recurso. Porém, se o professor não tiver um domínio sobre o recurso escolhido poderá não ajudá-lo a contextualizar o assunto, e confundir os alunos com o que de fato ele quer ilustrar com o recurso.

Quando perguntados se eles dão liberdade para que seus alunos tirarem dúvidas sobre sexualidade, todos disseram que sim, mostrando o que Suplicy et al. (2000) sugere, que não apenas nas aulas e orientações o professor pode estar cumprindo o seu papel de educador, porém deve-se tomar cuidado com a linguagem usada nessas "conversas" para que não saia do seu objetivo de informar e esclarecer dúvidas, tornando-se "vulgar" ou de cunho íntimo.

Em relação à reação esperada de seus alunos ao terem Orientação Sexual, em primeiro eles esperam que os alunos sintam: "timidez", seguidos de "euforia" e "interação com o assunto". Seguindo a mesma opção que os alunos do curso de formação de professores, e evidenciando que ambos profissionais, mesmo um atuante e o outro ainda se preparando para tal, esperam de seus alunos a mesma reação sobre este assunto.

Segundo os professores, as principais diferenças entre meninos e meninas no momento das Orientações Sexuais são: *"as meninas participam mais do que os meninos"; "não há diferença entre eles"; "se tem, não percebi"; "as meninas são mais tímidas"; "não tenho certeza, mas acho que os meninos falam mais"; "ambos são diferentes, as meninas brincam menos com o tema, enquanto os meninos brincam demais".* Com estas respostas podemos ver que alguns professores não observam as reações de seus alunos, dando suas Orientações Sexuais sem sensibilidade as diferenças mostradas de cada gênero. Conforme Bortolini (2008), o senso comum é um grande determinante junto as Orientações Sexuais, pois professores reproduzem seus conhecimentos vindos de sua vivência, não aprofundando seus conhecimentos sobre a diversidade sexual e como ela pode ajudar na abordagem da sexualidade com jovens e crianças, ignorando as diferenças existentes em cada indivíduo ou que meninos e meninas fossem apenas a representação de órgãos sexuais distintos.

Todos os professores acham que a Orientação Sexual não deve ser abordada separadamente entre meninos e meninas. Suas justificativas foram: *"pois é um ato que envolve os dois"; "é um assunto que não tem distinção"; "ambos tem que aprender igual, porém o ideal que tivessem professores do sexo masculino e do sexo feminino para ensinar junto uma turma"; "porque a vivência da sexualidade é interativa"; "meninos e meninas tem vontades semelhantes em aprender sobre sexualidade".* Para Frison (2008), o ensino infantil tem que ser trabalhado de forma que meninos e meninas tenham o mesmo tratamento e possam aprender suas diferenças sem separação em brincadeiras, espaços na sala e pátios, em

repreensões por atitudes que não seriam “corretas” para uma menina ou para um menino, por exemplo. Mostrando que o ideal é que meninos e meninas aprendam juntos todos os conhecimentos, porém quando aparecer em falas ou gestos de alunos o preconceito ou curiosidade com o outro gênero o professor terá que usar este momento como auxiliador em explicações, não como divisor.

Para todos os professores, a Orientação Sexual deveria abordar todos os temas como: métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, o prazer, há quebra de mitos e tabus, ao aumento de diálogos com o parceiro, a diversidade sexual, entre outros, para que o aluno não sinta dúvidas a quase nada relacionado a sexualidade.

Quando perguntados quais disciplinas deveria abordar o tema, 6 professores responderam que qualquer uma, enquanto 2 responderam que apenas Ciências e Biologia demonstrando que sua visão sobre o tema ainda está vinculada ao fator reprodutivo e biológico. Os demais se encaixam na perspectiva dos Parâmetros Nacionais Curriculares sobre a Transversalidade da inclusão dos temas em todas as disciplinas.

Todos os professores responderam que nunca sofreram nenhuma interferência pelos pais dos alunos. Segundo Saito e Leal (2000), os pais são as maiores preocupações da escola no momento de planejar as orientações junto aos professores, porém conforme a Secretaria de Ensino Fundamental os pais ou responsáveis legais dos alunos têm o direito de participar na construção do planejamento escolar para as Orientações Sexuais.

Quando levantada a questão sobre a frequência da realização das Orientações Sexuais, nenhum professor mostrou algum planejamento, dizendo quando a turma pede ou sente necessidade. Como já mencionado, de acordo com o MEC com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 0.394/96), a Orientação Sexual está inserida na escola como tema transversal (VALLADARES, 2005). Isso implica não haver nenhum horário, nem dias, nem responsáveis fixos para que a orientação aconteça, sendo uma responsabilidade de todos os professores e da direção em supervisionar se algum professor está abordando a discussão em sala. O não planejamento da escola dificulta a implantação dos temas durante o ano letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito da pesquisa foi investigar se a Orientação Sexual estava sendo trabalhada com os alunos do Curso de Formação de Professores de forma a prepará-los ao mercado de trabalho. Buscou também conhecer qual é a concepção de Orientação Sexual desses futuros professores e como utilizarão este conhecimento e investigar com o corpo docente sua concepção sobre sexualidade e se estão trabalhando com Orientação Sexual com esses futuros professores.

Com a pesquisa pôde-se notar que estes futuros profissionais, acham importante oferecer Orientações Sexuais aos seus alunos, na educação infantil. É a partir desta fase que as primeiras curiosidades e manifestações começam a surgir e como os professores passam uma grande parte do dia com estas crianças, são também referências. Porém, os alunos dos últimos anos, mostraram-se não se sentirem preparados para estarem trabalhando junto a este tema, já que para eles, não há nenhuma abordagem nas salas de aula e quando tem a forma que de linguagem não é satisfatória, pois, muitos termos usados não são de fácil compreensão e pouco abrangentes, causando desinteresse na turma.

Os professores pesquisados afirmaram trabalhar com Orientação Sexual junto às turmas usando todos os recursos audiovisuais, contrapondo-se com a visão dos alunos, evidenciando que há uma falha quanto a esse aspecto.

O pouco preparo dos professores ficou evidente quando perguntados sobre o que era sexualidade, pois apesar de alguns terem conhecimento da amplitude do tema, enfatizavam a sexualidade como ato sexual, como contato físico, não levantando questões ligadas ao social, cultural, biológico e psicológico. E esta visão restrita, reflete na formação desses alunos que demonstraram que as matérias que devem abordar os temas são as de áreas biológicas, o que remete a orientação ao reprodutivo, que, como já referenciado, e que não responde a todas as questões levantadas pelos jovens na atualidade. Entretanto, as matérias das áreas sociais também mostraram-se presentes, evidenciando um perfil de mudança na visão do tema.

Enquanto a forma de abordagem que eles utilizarão na futura profissão será a verbal, sendo que eles criticaram esta forma usada pelos professores, já que não os atingem, deixando deficientes e monótonas as aulas. E os temas que serão mais

trabalhados são todos, combinando com a escolha de seus professores, mostrando que falar sobre tudo é importante.

Os alunos dos dois primeiros anos mostraram-se mais abertos a participar da vida de seus alunos e mais atuantes no Curso de Formação de Professores em suas respostas e na participação da coleta de dados, enquanto os demais anos pareceram mais apáticos em suas respostas e participação na pesquisa. Isso ficou evidenciado quando responderam, em grande maioria, que não vão seguir com a profissão escolhida. Para a maioria dos futuros professores a abertura com seus alunos será uma questão constante em sua postura, garantindo que mesmo quando não derem Orientações Sexuais em suas aulas todos poderão chegar junto a ele e falar sobre suas dúvidas.

A timidez foi à reação mais esperada por alunos e professores quando a Orientação Sexual acontece, devido ao assunto ser visto culturalmente como algo “errado” ou “proibido” quando é feito “antes” do tempo, principalmente por familiares, que dificilmente falam abertamente sobre sexo e os demais temas com seus jovens, dificultando ainda mais este processo de inclusão nos debates escolares, já que professores e alunos trazem consigo esta dificuldade de se expressar sobre o tema.

Quando os professores se percebem e alunos se imaginam diante de uma turma composta de meninos e meninas, a maioria ressaltou a importância de se trabalhar com ambos ao mesmo momento, para que possam conhecer dúvidas e anseios uns dos outros, e construam um respeito mútuo, mostrando que começar trabalhar a questão de gênero desde cedo é de vital importância para quebra de mitos e tabus criados a margem de visões preconceituosas.

Percebe-se nas turmas é que em quase sua totalidade é composta de alunos do sexo feminino, resgatando a questão histórica da formação desta profissão, que mesmo na atualidade continua seguindo um espaço de extensão do meio domiciliar, tendo em vista que “cuidar da educação de crianças” ainda é um papel predominantemente feminino para a sociedade.

Por fim, constatou-se que apesar de professores e alunos não manifestarem preparação suficientemente para trabalhar as Orientações Sexuais com as turmas, ambos se mostraram abertos a estas questões, sendo um papel das Secretarias Educacionais junto ao Governo, investir nestes profissionais para a sua preparação ao trabalharem com os Temas Transversais.

Devido esta carência que será suprida ao longo do tempo, cabe a profissionais de várias áreas criarem alternativas para que professores e alunos possam reduzir esta deficiência, sendo esta uma possibilidade ao licenciado em Economia Doméstica em contribuir no campo dos Temas Transversais. Em sua formação, este profissional é preparado através de disciplinas das áreas de Ciências Humanas e Sociais, Ciências Biológicas para desenvolver um olhar mais sensível para o tratamento desse tema. Vale destacar que em sua formação específica este profissional lida diretamente com esse tema nas disciplinas da área de Família, saúde e desenvolvimento humano devido à sua atuação no acompanhamento da família em suas diversas demandas. Cabe ressaltar em especial a disciplina "Educação e Sexualidade Humana" oferecida aos licenciados do curso com o intuito de apresentar o tema da sexualidade com ampliação merecida e que se percebeu necessária nas falas dos pesquisados.

Finalizando, este trabalho apresenta algumas possibilidades de abordagens de temas junto à formação continuada desses professores, com projetos pedagógicos nas escolas e demais instituições de ensino, como doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, formas de diálogo com o parceiro, mitos, tabus, diversidade sexual, como já citado pelos alunos. Pode-se ainda ampliar para discussões relacionadas à desigualdade de gênero para que os alunos possam visualizar as diferenças e buscar reduzi-las nas suas relações cotidianas. As "formas de prazer" também seria outro tema a ser abordado para buscar a percepção de prazeres na relação para além do ato sexual. A busca pela ampliação da "conversa" sobre os temas com os familiares para que eles possam influenciar positivamente a construção da identidade sexual, sendo todas essas abordagens tratadas de forma interativa para que os educadores, alunos e responsáveis possam incluir-se nessa crescente necessidade de inclusão da Orientação Sexual.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas. v.9, n.2, 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200014&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: 25 novembro 2009.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas. v. 9, n. 2, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200014&script=sci_arttext&tlng=es Acesso em: 01 novembro 2009.

BALESTRIN, Patrícia Abel. A sexualidade num curso normal – seus tempos e "contratempos". In: UFRGS - GT: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO, n.23, 2007, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3152--Int.pdf> Acesso em: 18 outubro 2010.

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual na escola. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008, 62p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acesso em 04 novembro 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> Acesso em: 04 novembro 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em: 04 novembro 2010.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi et al. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Scielo, Ribeirão Preto. v. 8 , n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692000000200004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 novembro 2010.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. A Reforma do Ensino Profissional de Fernando de Azevedo, na Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz. Revista Diálogo Educacional (PUCPR), Curitiba. v. 5, n. 14, 2005. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/113.pdf> Acesso em: 23 outubro 2010.

CARDOSO, Fernando Luiz. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. Revista Interamericana de Psicologia, Florianópolis. v. 42, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP041a5/RIP04208.pdf> Acesso em: 18 outubro 2010.

CRUZ, Silva Helena Vieira. Reflexões acerca da formação do educador infantil. Caderno de Pesquisa, São Paulo. n. 97, 1996. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/330.pdf> Acesso em: 30 outubro 2010.

FAVERO, Cintia. O que é sexualidade? Revista InfoEscola, 2007. Disponível em: < http://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/> Acesso em 12 novembro 2009.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho dágua, 1997. 84p. Disponível em:

<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Paulo%20Freire/Paulo%20Freire%20-%20Professora%20sim%20,%20Tia%20n%C3%A3o.pdf> Acesso em: 04 novembro 2010.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. Unisc, Porto Alegre. v. 16, 2008. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/569/395> Acesso em: 01 novembro 2010.

HEILBORN, Maria Luiza. Família e sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 156p.

LUSA, Diana; FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Representações de gênero na fala de três docentes: ser professora mulher e ser professor homem. In: XVIII CIC e I MOSTRA CIENTÍFICA, 2009, Pelotas. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00136.pdf> Acesso em: 01 novembro 2010.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Rebolando com o Magistério: O Professor e as Relações de Gênero no Período Modernista - um estudo de caso sobre Anayde Beiriz. MNEME – Revista de Humanidades, Rio Grande do Norte. v. 01, n. 01, 2000. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme01/004-p.pdf> Acesso em 26 outubro 2010.

PINTO, Enio Brito. Educação sexual e religião. Psicopedagogia Educação e Saúde. PUC/RJ. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=242> Acesso em: 01 janeiro 2010.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. Pediatra, São Paulo. n. 22, 2000. Disponível em: <http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf> Acesso em: 01 novembro 2010

SILVA, Maria Cecília Pereira da. Sexualidade começa na infância. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 250p.

SILVA, Lucia Rejane Gomes da. A política educacional e a orientação sexual nas escolas. Unesp, 2008. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/publicacoes/revista/polit_gest/edi5_artigorejanedasilva.pdf > Acesso em: 25 novembro 2009.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O valor (do) casamento na agricultura familiar. Revista Estudos Feministas, São Paulo. v.12, n.1, 2004. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38112113.pdf> Acesso em 10 fevereiro 2009.

SUPLICY, Marta et al. Sexo se aprende na escola. GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em orientação Sexual. 3ª ed. São Paulo: Olho dágua, 2000. 119p.

VALLADARES, Katia Krepsky. Orientação sexual na escola: de acordo com os novos parâmetros curriculares nacionais – MEC. 2ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2005. 128p.

ANEXO I: QUESTIONÁRIO PROFESSOR

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

Matéria que leciona: _____ Sexo: M ( ) F ( )

1) O que é sexualidade para você?

_____

_____

2) Você em algum momento de sua aula já falou com seus alunos sobre sexualidade?

( ) Sim ( ) Não

3) De que forma você aborda esse conteúdo com seus alunos? **(marcar quantas alternativas for necessário)**

( ) Verbal ( ) Com uso de material demonstrativos

( ) Com uso de imagens ( ) Com uso de filmes

( ) Outros_____

4) É dada liberdade entre os alunos para tirarem dúvidas a respeito de sexo?

( ) Sim ( ) Não

5) Qual a reação dos seus alunos nas aulas em que é abordada a sexualidade?

( ) Timidez ( ) Euforia ( ) Descaso ( ) Apatia

( ) Interação com o assunto ( ) Outros_____

6) Quais as principais diferenças entre meninos e meninas em relação aos debates sobre sexualidade em sala de aula?

_____

_____

7) Você acha que a orientação sexual deveria ser abordada entre meninos e meninas separadamente?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

_____

_____

8) Na sua opinião, a orientação sexual esta vinculada:

(Responder quantas for necessário)

( ) Há métodos contraceptivos ( ) Há DST

( ) Há quebrar mitos e dúvidas ( ) Ao prazer

( ) Ao aumento de dialogo com o parceiro ( ) Outros_____

9) Em quais disciplinas você acha que o tema deve se abordado?

_____

_____

10) Os pais dos alunos interferem quando o tema surge em sala de aula?

( ) Sim ( ) Não

De que forma?

_____

11) A orientação sexual é feita quantas vezes em um bimestre?

_____

ANEXO II: QUESTIONÁRIO ALUNO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

Concordo em ser entrevistado(a) para pesquisa "A concepção da Orientação Sexual entre os alunos do curso normal da Escola Estadual Presidente Dutra", sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima e o uso dos dados coletados se farão apenas para fins da pesquisa acadêmica.

Série: _____ Idade: _____ Sexo: M ( ) F ( )

1) Como futuro professor(a), você acha importante falar sobre sexualidade com seu aluno? ( ) Sim ( ) Não

Por quê?

_____
_____

2) Quais matérias você acha que deveria abordar o tema sexualidade na escola, quando você for professor? E por quê?

_____
_____

3) Você acha que a abordagem do tema sexualidade deveria ser feita de que forma, para que seus futuros alunos a compreendessem? **(marcar quantas alternativas for necessário)**

( ) Verbal ( ) Com uso de material demonstrativos

( ) Com uso de imagens ( ) Com uso de filmes

( ) Outros_____

4) Você daria liberdade para um futuro aluno seu chegar e conversar sobre suas dúvidas em relação a sexualidade?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

_____
_____

5) O que você mudaria nas Orientações Sexuais feita pelos seus professores?

_____
_____

6) Que temas você sugere a serem abordados nas orientações sexuais?

( ) Métodos contraceptivos ( ) Diversidade Sexual ( ) Mitos e tabus

( ) O prazer e orgasmo ( ) Formas de diálogos com o parceiro ( ) DST

( ) Todos ( ) Outros_____

7) Que reação você acha que podem ter os seus alunos quando você falar sobre sexualidade com eles?

( ) Timidez ( ) Euforia ( ) Descaso ( ) Apatia

( ) Interação com o assunto ( ) Outros_____

8) Você acha que a orientação sexual deveria ser abordada entre meninos e meninas separadamente?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

_____
_____

9) Você acha que está sendo preparado para tratar da sexualidade quanto for professor? ( ) Sim ( ) Não.

E, por quê?

_____
_____